

AS VARIEDADES DE PROTEU

*Ópera que se representou no
Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no
mês de Maio de 1737.*

ARGUMENTO

Sendo Políbio cabeça de uma parcialidade que um Egípto se fulminou sobre a deposição de um monarca daquela coroa, prevalecendo o poder contrário foi preciso a Políbio retirar-se com uma filha única, chamada Cirene; e, chegando a Beócia, por caminhar mais oculto, deixou em uma rústica aldeia daquele país a Cirene, até que achasse seguro porto a sua errante fortuna. — Chegando a Flegra, cidade do Arquipelago, foi recebido de El-Rei Ponto, com distinção nas estimações, mandando-o outra vez a Beócia para condutor da filha daquele monarca, também chamada Cirene, para esposa de Nereu, seu filho. — Em Beócia, soube Políbio ser falecida de pouco aquela princesa, por cujo motivo, incitado Políbio da ambição de ver coroada sua filha, dissimulando a embaixada a conduziu a Flegra para esposa de Nereu, afirmando ser a filha de El-Rei da Beócia.

No mesmo tempo, chegou Dórida, ou Dóris, filha de El-Rei de Egnido, para esposa de Proteu, também filho de El-Rei Ponto; porém, inflamado Proteu excessivamente na formosura de Cirene, valendo-se das variedades da sua forma – privilégio que lhe concederam os deuses –, intentou com extremos persuadir-lhe o seu amor, que impedindo-lhe Políbio na brevidade que intentava do himeneu de sua filha, Proteu o quis matar, cujo golpe casualmente

recebeu Cirene, procurando impedi-lo; e, sendo achado o punhal na mão de Políbio, foi condenado ao sacrifício de Astreia; e, para mostrar a sua inocência e evitar a vítima da sua vida, foi preciso a Cirene declarar que Políbio era seu pai.
— *Vendo Nereu o engano, levado da altivez do seu gênio, repudiou a Cirene, a quem recebeu Proteu, estimando como fortuna o mesmo engano, ficando Dórida para esposa de Nereu, e ambos satisfeitos na mudança das esposas.*

Servem de episódio a esta obra as variedades e transformações de Proteu para conseguir os favores de Cirene.

INTERLOCUTORES

Cirene, reputada princesa de Beócia, destinada para esposa de Nereu; *Dórida*, princesa de Egnido, destinada esposa de Proteu; *Proteu*, *Nereu*, filhos de El-Rei Ponto; *Ponto*, monarca de todo o Arquipélago; *Políbio*, pai encoberto de Cirene; *Maresia*, criada de Dórida; *Caranguejo*, criado de Proteu.

A cena se representa em Flegra.

CENAS DO I ACTO

- I - Selva e mar, com ponte.
- II - Gabinete.
- III - Bosque e montanha.

CENAS DO II ACTO

- I - Sala.
- II - Gabinete.

CENAS DO III ACTO

- I - Jardim.
- II - Sala.
- III - Templo de Astreia.

PARTE I

CENA I

Porto de mar, em que haverá uma ponte, aonde chegarão escaleres para o desembarque de Dórida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteu, e nela estará Ponto, Caranguejo e mais criados; e antes disto aparecerá uma nau à vela, e ao mesmo tempo passará um coche pelo proscénio do teatro, que será de selva, e nele virá Cirene e Políbio e, recolhendo-se, sairão os mesmos. Tudo se executará enquanto se toca a sinfonia, e cantam alternadamente os coros

CORO

*1.º Coro. Em hora ditosa
venha Cirene;*

*2.º Coro. Em hora festiva
Dórida venha.*

1.º Coro. A ser de Nereu,

2.º Coro. A ser de Proteu,

Ambos. esposa feliz.

1.º Coro. Os prados com flores,

2.º Coro. Com perlas os mares,*

*Ambos. Os ceptros esmaltem
de eterno matiz.*

() Perla – pérola.*

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Rei. Uma e muitas vezes repitam as Náiades dos bosques e as Ninfas do mar o suave Melibeu de alternados vivas, para que se eternizem os aplausos no mar e na terra, ao mesmo tempo que se multiplicam as felicidades em ambos os elementos. Em hora festiva e ditosa, tornem a repetir que sejam bem-vindas à minha corte de Flegra as ilustres princesas de Egnido e Beócia, para que nas régias núpcias de meus filhos Proteu e Nereu se perpetue a semideia estirpe das marítimas deidades.

Cirene. Já que a sorte me destinou, ó excelso Ponto, monarca do Arquipélago, às fortunas de esposa de Nereu, com a glória de filha tua não invejo o trono de Juno, nem os domínios de Tétis.

Nereu. Nem eu, ó Cirene, com essa beleza o sólio de Jove e o líquido Império de Neptuno.

Rei. Cirene, quando em um só dia se encontram tantas felicidades, sejam mudos intérpretes de meu alvoroço os internos júbilos do coração. E tu, soberana Dórida, vem a meus braços, enquanto nos de Proteu te não enlaça amor no mais ditoso himeneu.

Dórida. Os vínculos com que amor me enlaça em Proteu, primeiro serão cadeias de minha escravidão, que voluntária ofereço a Vossa Majestade, a quem já respeito como pai e venero como senhor.

Proteu. Ai de mim, que só eu na maior ventura sou o mais infeliz! (*À parte*).

Rei. Proteu, sem dúvida que o prazer deste dia se faz inexplicável nas tuas vozes, notando no teu silêncio a tua suspensão.

Proteu. Pois com efeito Dórida vem destinada para esposa minha e Cirene para meu irmão Nereu?

Rei. Essa pergunta parece ociosa, pois antes do transporte das princesas já estava destinada Cirene para Nereu e Dórida para esposa tua.

Proteu. Não tem remédio o meu tormento. (*À parte*). Poderia ser, Senhor, que mudasses o primeiro intento, achando que as riquezas de Egnido seriam mais convenientes a Nereu, como mais moço, e que a mim me sobrava o pequeno património de Beócia; que a minha vontade não se rege por outro império que o do teu preceito.

Caranguejo. Adeus, minhas encomendas! Proteu, não é nada! Ora escutemos. (*À parte*).

Nereu. Enganas-te, Proteu, na ambição que me supões nas riquezas de Egnido, pois estimo tanto a Cirene, princesa de Beócia, que a julgo inseparável do seu estado; que o régio sangue de seus progenitores a faz digna de maior império, e a mim me inabilita para outro desejo; e tanto, que a ser menos régia e mais opulento o seu estado, a não recebera esposa.

Políbio. Que ouço! Grande arrojo foi o meu! (*À parte*).

Caranguejo. Proteu todavia parece que deseja alborcar a noiva; pois eu não trocarei uma cousinha que lá vejo, nem por quantas princesas tem a Berberia. (*A parte*).

Rei. Príncipes, a sorte está lançada: Cirene é de Nereu, Dórida de Proteu; e Políbio, que conduziu a Cirene, venha comigo a receber as estimações que se devem à sua pessoa; e, pois toda a corte impaciente nos espera com festivos aplausos, não dilatemos a nossa entrada. (*Vai-se*).

Nereu. Vamos, formosa Cirene. (*Vai-se*).

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Cirene. Políbio, não te apartes de mim um instante. (*Vai-se*).

Proteu. Vamos, Dórida; vamos. Oh, quem pudera trocar a sorte, se é sorte a que me acompanha! (*À parte, e vai-se*).

Dórida. O coração pressago não sei o que me vaticina. (*À parte, e vai-se*).

Maresia. Vou cambaleando, pois me parece que ainda estou no navio. (*Quer ir-se*).

Caranguejo. Espere, menina. Onde se vai meter entre a barafunda das carroças? Deixe-se estar, que, em vazando a maré, se embarcará na sua carruagem*.

Maresia. A mim me farão lugar em toda a parte.

Caranguejo. Não vê a encangalhação que lá vai? Vá, mas veja que há-de suar bem para se meter na sua estufa.

Maresia. Parece que assim é. Ora vossa mercê viva mil anos pela advertência.

Caranguejo. Como poderei viver anos mil, se encontro mil mortes em cada olhadura de vossa mercê?

Maresia. Tão maus olhos tenho eu que dêem quebranto?

Caranguejo. Não são maus, pelo que são em vossa mercê; mas sim pelo que sinto em mim.

Maresia. Pois que sente?

Caranguejo. Sinto-me mui aquebrantado.

Maresia. Nunca vi dar quebranto em cousa má.

Caranguejo. Se as almas são cousa má, bem má cousa sou eu; não pelo que tenho de desalmado,

(*) *Carruage* – é forma popular de *carruagem*.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

mas porque toda a alma dessa formosura a tenho transferida em mim, amante pitagórico de tua beleza.

Maresia. Insolente, descomedido! Que frase é essa de falar-me?

Caranguejo. Não sei frasear melhor; e, se cada um enterra seu pai como pode, eu ressuscito o meu amor como sei.

Maresia. Para que se lhe desvaneça essa tentação, saiba logo incontinenti que tenho feito a Diana um voto solene de perpétua castidade.

Caranguejo. Não por meu voto.

Maresia. E assim espero que esta seja a última vez que tal cousa ouça; porque o meu voto não é cousa de brinco.

Caranguejo. E quem votou nisso?

Maresia. A minha devoção.

Caranguejo. Pois antes queres ser casta que castiça?

Maresia. Hei-de ser solteira, para que em mim se acabe a minha geração.

Caranguejo. Vejam lá de que casta é ela! Pois eu te armarei uma trempe, que tu te verás em saias pardas! Ora diga: e não pode anular esse voto?

Maresia. Está revalidado com trezentos juramentos.

Caranguejo. Pois, filha, se não desfazes esse voto, terás todos a frouxo para te sacrificarem.

Tocam os instrumentos do coro.

Maresia. Como é isso?

Caranguejo. Não é tempo agora de o saberes, pois a comitiva já se vai pondo em marcha.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Maresia. Dize mais duas palavras: como é isso do sacrifício?

Caranguejo, Tu o saberás. Anda depressa para o teu carrinho, que em palácio to direi.

Canta o coro.

CENA II

Gabinete. Saem Proteu e Caranguejo.

Proteu. Deixa-me; não me persigas, que não há maior tormento para um infeliz, que a privação do retiro.

Caranguejo. Senhor Proteu, que mania é essa? Ao mesmo tempo que te vês propínquo a casar, te vejo próximo a enlouquecer? Não esperavas com alvoroços a Dórida, Princesa de Egnido? Não dizias muitas vezes, lamentando nas costas do mar (se é que o mar tem costas): *vem, querida Dórida; e, se por falta de águas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te trarão ao reboque?* Não andavas fazendo sonetos a uma ausência e cantando minuets a uma saudade? Pois como agora, depois de possuir o que desejas, parece que não desejas o que possuis?

Proteu. Tudo isso assim é; porém às vezes há incidentes tão fortes, que destroem o mais firme pensamento.

Caranguejo. Porventura, ou por desgraça, não é Dórida muito bela, e senhora de um reino?

Proteu. Assim é.

Caranguejo. Pois que mais desejas? O certo é que dá Deus nozes a quem não tem dentes!

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Proteu. Sabes tu o que é amor?

Caranguejo. Oxalá que o não soubera tanto! Amor, ainda que mal pergunte, nos homens, é o mesmo que querer bem; nas bestas muares, mormo, e nos outros animais, apetite.

Proteu. Pois como queres que não enlouqueça, se eu tenho amor?

Caranguejo. Para que são esses terremotos, quando estás quase propínquo a ter em teus braços a Senhora Dórida?

Proteu. Ai! Se souberas que... Mas não; sepulte-se comigo a causa do meu tormento.

Caranguejo. Se é por isso, diga-mo, que em mim ficará sepultado esse segredo.

Proteu. Bem sei que não desmereces a estimação que de ti faço; porém...

Caranguejo. Porém quê? Com que estamos? Queres que to diga?

Proteu. Não; não me prives da glória de o pronunciar.

Caranguejo. Isso é glória do céu da boca.

Proteu. Cirene é a causa do meu tormento.

Caranguejo. Não o disse eu? Oh, como é certo o ditado da galinha da minha vizinha!

Proteu. Confesso-te que tal foi a violência com que me arrebatou a sua em tudo peregrina beleza, que não tive acordo para desmentir a inclinação. Viste aquela perfeição que, imortalizando-se nas suas galhardias, se fez adorar como deidade? Viste aqueles olhos que se adotaram astros para adornar a esfera da sua formosura? Viste aquela neve que, derretida de melhor estrela, soube congelar os corações? Viste aquele ondeado epílogo de luzes, em

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

cujos anéis presa a memória não se lembra de outra igual maravilha? Viste...

Caranguejo. Espere, Senhor! Com quem fala? Isso é comigo?

Proteu. Sim, por que vejas se tem desculpa a minha loucura.

Caranguejo. Agora vejo que isso é loucura refinada. Eu porventura vi nada disso que dizes? Eu vi astros, estrelas, deidades, nem luzes? Eu vi mais que uma mulher ou uma princesa, que tudo é mulher, formosa sim, porém não agora lá cousa do sete-estrela.

Proteu. Cal-te, néscio, que o teu gênio grosseiro não sabe distinguir perfeições.

Caranguejo. Eu cá, no meu amor, sigo outra filosofia mais natural: a formosura, cá para mim, há-de ser clara, palpável, que todos a entendam, como as pastoras do tempo antigo.

Proteu. Oh, quanto invejo a fortuna de Nereu e quanto temo que este incêndio em que me abraso consuma sacrilegamente os sacrifícios de ambos os himeneus!

Caranguejo. E que determinas com essa desordenada inclinação?

Proteu. Deixar a Dórida e pretender a Cirene, apesar de todos os impossíveis.

Caranguejo. E Nereu, teu irmão, que dirá nesse caso?

Proteu. Perdoe Nereu, que eu não posso reger a violência da minha inclinação; númen superior parece que a domina.

Caranguejo. Enquanto a Nereu, já não é a dúvida; porém Cirene como há-de corresponder-te, se

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

é noiva e princesa? E o falar-lhe em amor será crime de lesa-majestade.

Proteu. Tudo vence o tempo.

Caranguejo. E se faltar o tempo?

Proteu. Não faltarão os extremos, pois sou Proteu, que me saberei transformar em várias formas, para possuir os favores de Cirene.

Caranguejo. Se não fora Cirene princesa, te dissera que te transformasses sempre em ouro, que é a melhor forma para atrair.

Proteu. E não será desacerto participar-te a mesma virtude de transformar, pelo que pode suceder?

Caranguejo. Eu, Senhor?

Proteu. Sim, tu.

Caranguejo. Se eu sou capaz disso, já me começo a transformar na tua vontade e me verás não só transformado, mas formado na faculdade amatória; e, ainda que sou Caranguejo, farei muito que ande para diante o teu amor. (*Vai-se*).

Sai Cirene, e estará Proteu voltado com as costas para ela.

Cirene. Príncipe?

Proteu. Que ordenas, ó Princesa?

Cirene. Cuidei que era Nereu.

Proteu. Já sei que não há maior infelicidade que ser Proteu.

Cirene. Porquê?

Proteu. Porque, sendo Nereu, tivera a fortuna de merecer-te esse cuidado.

Cirene. Nereu, enquanto Nereu, não merece mais, que Proteu, enquanto Proteu; a qualidade de esposo

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

que está para conseguir é que forma a diferença de Nereu a Proteu.

Proteu. Essa qualidade, ó Cirene, é a que mais qualifica a minha desventura.

Cirene. Se a formosura de Dórida não pudesse fazer ditoso ao mais desgraçado, poderia queixar-se de infeliz a tua sorte; mas, como na sua beleza estão vinculadas as fortunas, mal podes apetercer as de Nereu por inferiores.

Proteu. Mas, contudo, a ser possível que os astros mudassem de aspecto e que os planetas que influíram no meu horóscopo pudessem comutar os seus influxos entre mim e Nereu, eu fora mais ditoso não sendo Proteu, do que o mesmo Nereu com a dita, que goza.

Cirene. Enigmas parecem as tuas palavras.

Proteu. Se Nereu soubera, Senhora...

Sai Dórida.

Dórida. Oh, quanto te agradeço, Cirene, que divirtas as melancolias de Proteu! Mas cuido que será estilo em Flegra receberem-se as esposas com pompa fúnebre.

Proteu. Sempre as cousas intensas produzem efeitos contrários; pois, assim como há lágrimas de gosto, porque não haverá tristeza que seja alegria?

Dórida. Nem sempre são contínuos esses sinais no excessivo affecto.

Cirene. Dórida, porque o não será o affecto, se o amor for excessivo?

Dórida. Porque affecto que não sabe mudar de affecto, é affectada demonstração da vontade. Proteu, bem sei que as tuas prendas mereciam mais

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

bela princesa e mais digna esposa; a tua tristeza me persuade o desgosto de nosso himeneu; e, por que não perigue a realidade na conjectura, desengana-me (que ainda é tempo) se acaso eu motivo os teus pesares.

Proteu. Tu, Dórida, tu és a causa de minhas penas.

Dórida. Infeliz fui; porém...

Proteu. Não te assuste esta expressão, que, como na glória do amor há sombras de Inferno, que muito me entristeça o mesmo que me alegra? Pois, quando contigo vejo a glória que me eleva, vejo também em ti o abismo que me penaliza.

Cirene. Que bem expressado extremo!

Dórida. Que mal fingida fineza!

Proteu. Que mal entendido afecto! (*À parte*).

Canta Proteu a seguinte

ÁRIA

Em ti mesma considero
de meus males o motivo;
por ti morro, por ti vivo;
tu me matas, tu me alentas,
pois contigo está meu mal,
e contigo está meu bem.

Deixa, pois, que triste viva
quem alegre busca a morte;
e verás que dessa sorte
esta vida me horroriza,
e esta morte me convém. (*Vai-se*)

Dórida. Que te parece, Cirene, este novo modo de querer?

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Cirene. É que o seu amor não é vulgar.

Dórida. Achas acaso em Nereu semelhantes expressões?

Cirene. Ainda não houve ocasião para a experiência.

Sai Caranguejo.

Caranguejo. Se eu desta me saio bem, tenho muito que contar! Lá estão as duas princesas, Cirene e Dórida. Eu darei o recado de sorte que Cirene me entenda e Dórida fique em jejum. Finjo-me pateta e mentecapto. Ainda que me matem, não hei-de casar!

Cirene. Que homem é este?

Dórida. Será algum tonto, com quem os príncipes se divertem.

Caranguejo. Tenho dito: contra minha vontade não se cansem.

Dórida. Não sei que graça acham nestes tontos. Vai-te daqui.

Cirene. Deixa-o, que gosto de o ouvir.

Caranguejo. É boa teima! Digo que não quero casar. Irra! À força me querem encaixar uma mulher à queima roupa!

Cirene. Que tens, tonto?

Caranguejo. Digo que não quero. Vá-se a noiva para a sua terra.

Dórida. Que noiva?

Caranguejo. Tu, cruel. Vai-te com Satanás.

Dórida. Arrebatado no seu frenesi, imagina que fala com alguém.

Cirene. No casar é a sua teima.

Caranguejo. Ai, adorado impossível, que só tu me regalias esta alma!

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Cirene. Com quem falas?

Caranguejo. Contigo. Contigo hei-de morrer a pés juntos! Espera; não fujas, que dos braços de teu amante te arrancarei. (*Vai-se*).

Dórida. As palavras deste louco não sei que eco formaram na ideia, que me penetram o coração.

Cirene. Não faças caso de um simples.

Dórida. Se o coração não estivera ferido com as tristezas de Proteu, desprezara aquelas vagas loucuras; porém às vezes são presságios as casualidades; pois temo...

Cirene. Que temes?

Dórida. Ai, Cirene, que os temores não se sabem tanto explicar como sentir.

Canta Dórida a seguinte

ARIA

Não tenhas por delírios
meus temores,
que, em amores,
em dúvida é melhor
temer, que confiar.
Oh, crédula não sejas
de amor no cego engano,
que em tal dano
dos males o pior
devemos esperar. (*Vai-se*).

Cirene. À vista daquelas expressões de Proteu, venho a entender que não são sem fundamento os temores de Dórida, nem verdadeira a simplicidade

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

do criado. Oh, cego amor! Que de absurdos vás fulminando e que de horrores vás produzindo!

Sai Políbio.

Políbio. Filha Cirene, não sei se me pesa do engano que tenho fabricado, trazendo-te para esposa de Nereu, em lugar de outra Cirene, verdadeira princesa de Beócia, querendo-me aproveitar do seu óbito e do teu nome semelhante ao dela, pois já com as estimações de verdadeira princesa se me dificulta o ver-te as vezes que o meu paternal amor deseja.

Cirene. Pai e Senhor, se não houvera outro mal que temer, esse com facilidade se podia remediar.

Políbio. Pois que receias, levando tão bom princípio a nossa indústria?

Cirene. Temo que se chegue a descobrir que a verdadeira Cirene, princesa de Beócia, é falecida e que tu és meu pai, e eu intrusa princesa; e pode ser que se converta em luto toda esta pompa festiva, e nupcial aparato.

Políbio. As empresas dificultosas não se intentam sem perigo, e sem susto não se adquire uma coroa. Bem sei exponho a minha vida pela tua elevação; porém, considerando a brevidade com que se há-de efetuar este himeneu e que quando se descubra o engano te acharás senhora do alvedrio de Nereu, preso nos laços de tua formosura e estimando como fortuna o seu engano, terá ditoso fim o nosso premeditado intento.

Cirene. Oh, queiram os deuses prosperá-lo!

Sai Nereu.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Nereu. Cirene, como sei estimas o exercício da caça, por te dar esse alívio tem El-Rei, meu Pai, determinado divertir-te em uma caçada real, donde vejas a destreza e valor dos nossos monteiros.

Cirene. Impulsos são da benignidade de El-Rei, a quem agradeço, e a vossa Alteza, o cuidado de meu divertimento.

Nereu. A tão alta princesa todo o excesso é devido.

Políbio. Parece, Senhor, que apostaram os fados a fazer-te ditoso, unindo na esposa, que possuís, a última perfeição da formosura.

Nereu. Políbio, uma formosura não faz ditoso um príncipe. Os ilustres heróis, de quem descende Cirene, a fazem digna da minha veneração. A beleza é vulgar atractivo de um ânimo plebeu. A régia ascendência é digna estimação de um príncipe. A formosura caduca com o tempo; a nobreza se immortaliza na posteridade; e assim, Políbio, podes entender que, a ser Cirene menos régia, abandonara o tálamo e desprezara a formosura, não sendo adornada da Majestade. *(Vai-se).*

Cirene. E que dizes agora, Senhor? Estimarás Nereu, com a fortuna de possuir a minha beleza, o seu engano? Vês caída por terra a base aonde erigias as tuas máquinas? Ai de mim, Senhor! Quanto melhor me fora viver oculta, como estava, nas rústicas aldeias de Beócia, que ver-me quase propínqua a cair da eminência de um trono no abismo de tua ambição!

Políbio. Não me aflijas com essa ponderação; porém não foi pequena fortuna poder no antecipado desengano de Nereu buscar o remédio deste iminente dano, e no entanto procurar desvanecer-lhe

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

com profiados carinhos a violência de sua inclinação.

Canta Políbio a seguinte

ÁRIA

Na onda repetida,
do Zéfiro impelida,
talvez a dura penha
amante não desdenha
seu líquido cristal.

Se, pois, a clara espuma
trofeu de um monte alcança,
bem pode haver mudança
na instância dos carinhos
do génio seu fatal. (*Vai-se*).

Sai Maresia.

Maresia. Dórida te espera, Senhora, para irem à montaria.

Cirene. Eu vou. Oh louca ambição, a quantos precipitas! (*Vai-se*).

Maresia. Tomara que Caranguejo me acabasse de explicar aquela arenga do sacrifício, que lhe não pude perceber com a bulha das cantarolas; porém, se tal é, antes hei-de dar um olho ao Demo, que uma mão ao amor.

Sai Caranguejo.

Caranguejo. Eu assim como tolo dei a entender a Cirene o intento de Proteu, e ela, a meu ver, me

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

não deixaria de entender, que tem olhos de grande tubércula.

Maresia. Senhor Caranguejo!

Caranguejo. Senhora Maresia, minha Senhora!

Maresia. Há muito que nos não vemos.

Caranguejo. Que há-de ser? Esta ocupação de Sota-Ministro de Vénus não me deixa uma hora livre para ter o meu regabofe.

Maresia. Bom ofício deve ele ser.

Caranguejo. Bom é; mas, para o meu génio, não é muita cousa; esta tarde sacrificamos quatro moças, como quatro torres, por não quererem casar; e confesso-te que, quando levantei a machadinha para descarregar o golpe, que me fugiu o sangue do corpo.

Maresia. Ai de mim, coitada! Diga-me, Senhor Caranguejo...

Caranguejo. O quê, Senhora Caranguejola*?

Maresia. Essa lei se cumpre tanto à risca, que todas que não casam morrem?

Caranguejo. Ui, como dous e três são nove! Saiba, se é que o não sabe, que toda aquela mulher que se mostra esquiva e desdenhosa, como v.g. aquelas que tudo me fede, se não abrandar a condição, há-de ser sacrifício de Vénus como deusa dos amores.

Maresia. Não há lei mais bárbara do que essa: querer violentar a vontade!

Caranguejo. Bem se pode casar sem vontade; pois quantos se casam contra vontade?

(*) *Caranguejola* – faz trocadilho com *Caranguejo*, da fala anterior.

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Maresia. Casamento sem vontade não é casamento.

Caranguejo. Agora não! Olha: a vontade é cousa que se não vê; e, vendo um homem a noiva, não lhe abre o coração para lhe ver a vontade, pois basta saber que tem as três potências da alma, memória, entendimento e vontade; porque isso de casar sempre vai na fé dos padrinhos.

Maresia. E quem seria o magano que tal lei inventou?

Caranguejo. Cal-te; não sejas blasfema! Olha que foi Apolo em despique do rigor de Dafne.

Maresia. Bem haja ela; o mesmo fizera eu. Por força? Isso não, ainda que seja um Sol; e além disso, tenho feito voto de castidade a Diana, que me impossibilita o casar e hei-de cumpri-la, mais que me matem.

Caranguejo. Por mim faze o que quiseres, que isto não é mais que insinuar; que, susposto não sejas minha próxima, pois do teu carinho vivo apartado, contudo és criada de Dórida, e tenho dó dos teus poucos anos. Coitadinha! Que lástima tenho de ti! Não olhes para mim, que, cada vez que te vejo, se me parte o coração.

Maresia. Não te compadeças de mim.

Caranguejo. Não pode ser, que sou mui mavioso; em apertando os olhos, logo choro.

Maresia. Isso vai de ter bom coração.

Caranguejo. Antes vai de ter bons olhos, que a mim nunca me chorou o coração no corpo, como as crianças na barriga.

Maresia. Pois, Senhor Caranguejo, Maresia não há-de descer da burra, ainda que a leve o Diabo.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Caranguejo. Pois eu montarei a cavalo, e irei dar parte à justiça; e somente por descargo de minha consciência te tomo a lembrar a rigorosa, severa e fulminante lei de Apolo, a qual, de cabo a rabo, é a seguinte *per formalia verba, ibi*:*

DÉCIMA

Toda a mulher que não for
inclinada ao matrimónio,
há-de levá-la o Demónio,
se a não levar o amor.

Trate logo de depor
seu tirano desdenhar;
porém, se não abrandar
seu rigor, deve escolher:
ou casar, por não morrer,
ou morrer, por não casar. (*Vai-se*).

Maresia. Há entaladura semelhante! Não sei o que hei-de fazer neste caso! Se caso, é matar-me; se não caso, é morrer! Oh, que apertado caso! Pois, se tudo é morrer, escolherei a morte que me for mais suave.

Canta Maresia a seguinte

ÁRIA

Não há quem me diga
por esta cidade

(*) *Per formalia verba, ibi* – por palavras formais, aí (isto é, assim).

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

se devo casar,
se não, ou se sim?
 Porém que verdade
me podem dizer,
se eu hei-de morrer
assim como assim? (*Vai-se*).

CENA III

Bosque. Haverá um monte matizado de flores, e ao som de uma sinfonia de trompas irão saindo vários monteiros com instrumentos venatórios e se verão cruzar o teatro vários animais silvestres e sairão encontrados Cirene e Nereu.

Nereu. Cirene, não te empenhes tanto no seguimento dessas feras, nem por um divertimento aventuras a tua vida. Espera, e verás que apresento nas aras de tua formosura o mais feroz javali que ocultam estes bosques.

Cirene. Não, príncipe. Suspende o excesso do teu valor, que temo em ti a tragédia de Adónis.

Nereu. Tendo a ventura de morrer nos braços dessa melhor Vénus, ambicioso buscarei a morte.

Cirene. Se me comparas a Vénus, já sei será fingida essa fineza.

Nereu. Fingida, porquê?

Cirene. Porque a formosura per si não te pode obrigar a nenhum excesso, não sendo animada do régio sangue.

(*) *Tragédia de Adónis* – Adónis foi mortalmente ferido por um javali.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Nereu. Assim é; mas, quando à Majestade se une a beleza, são mais venerados os ídolos da formosura. Mais formosa, ao que parece, é a Lua, mas por ser tão baixa a sua esfera não merece tantos elogios de bela como a mínima estrela, pelo elevado sólio em que se ostenta galharda maravilha dos Céus.

Cirene. Visto isso, a não ser eu princesa, não seria objecto de teu amor?

Nereu. Não suponhas um impossível, quando alcanço a fortuna de possuir-te princesa e formosa.

Cirene. Pois adverte, já que me apelas de Vénus, que como deidade estimarei mais os cultos de formosa, que os tributos de princesa.

Nereu. Para mim não há mais formosura que a nobreza; e, amando-te como princesa, te adoro como bela.

Cirene. Dessa sorte, impossibilitas o himeneu que desejas; e, para o conseguires, hás-de imaginar-me sem qualidade de princesa, aliás...

Nereu. Quê?

Sai El-Rei.

Rei. Que te aflige, Cirene?

Cirene. Achar, Senhor, um esposo que me adora por política, mas não affecto. (*Quer ir-se*).

Rei. Espera.

Sai uma fera correndo.

Cirene. Mal poderei, até não vingar nesta fera as ofensas de outra. (*Vai-se*).

Rei. Que foi isto, Nereu?

Nereu. Senhor, permite-me que evite em Cirene algum perigo no seguimento daquela fera. (*Vai-se*).

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Rei. Esta condição de Nereu, austera, elevada e soberba, sem dúvida motivou em Cirene algum desgosto; não é assim Proteu, cujo gênio mais dócil é o atractivo dos corações. Feliz Dórida será com tal esposo. Mas ela ali vem.

Sai Dorida.

Rei. Dórida, estimarei aches alívio no divertimento da caça.

Dórida. Antes me penaliza, por não achar a fera que busco.

Rei. Se esconderia* talvez, temerosa do teu valor.

Dórida. Antes pudera eu esconder-me, temerosa da sua ferocidade.

Rei. Se a temes, como a buscas?

Dórida. Para desenganar-me da qualidade da sua espécie, pois, tendo-a visto várias vezes, não sei distinguir a sua natureza.

Rei. Declara-me esse enigma, ou dize-me aonde habita essa fera.

Dórida. Em palácio.

Rei. Em palácio, que fera pode haver como essa que dizes?

Dórida. Quem? Proteu.

Rei. Proteu? Como? Declara-te; não me tenhas confuso.

Dórida. Proteu, Senhor, cujo gênio indómito nem a política o persuade a ser mais atento, nem a razão de esposo o obriga a ser mais amante.

Rei. Proteu! Não me persuado.

(*) *Se esconderia* – isto é, esconder-se-ia.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Dórida. Vês porventura aqui a Proteu, ao menos para lisonjear-me com as assistências de esposo, ao mesmo tempo que Nereu seguindo a Cirene, adora os seus vestígios?

Rei. Não imagines em Proteu menos atenção à tua pessoa. A casualidade de seu desvio nesta ocasião não seja argumento de seu desamor. Ah! Se souberas a suave índole de Proteu, verias que não cabem em seu peito as ferocidades que lhe imaginas!

Dórida. Ah! Se souberas que ainda lhe não mereci um só agrado!

Rei. A não serem tão dignas de fé as tuas palavras, as duvidara por incríveis. Proteu, ou mudou a natureza, ou perdeu o juízo; porém, antes que se acumulem incentivos à queixa, na brevidade do himeneu remediarei as desordens da mocidade. (*À parte*).

Sai Maresia.

Maresia. Senhores, que uma fera mui fera vem correndo atrás de mim! Ai que ela ali vem! Acudam-me todos!

Rei. Segui-la será forçoso. Dórida, retira-te, que cedo darei providência a teu sentimento. (*Vai-se*).

Dórida. Segue-me tu, que os instantes que aqui me dilato sem Proteu são continuadas ofensas do meu decoro. (*Vai-se*).

Maresia. Tomara-me já daqui cem léguas!

Ao querer ir-se Maresia, lhe sai ao encontro Caranguejo, transformado em porco montês.

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Caranguejo. Não será fácil.

Maresia. Ai de mim, que porco tão porco!

Caranguejo. Queira amor que a faça limpa.

Maresia. Ai, que o porco me investe! Vai-te daqui; não me emporcalhes.

Caranguejo. Não fujas, que eu sou o mais asseado porcalhão que tem o Mundo.

Maresia. Nem alentos tenho para fugir. Senhor porco montês, por vida de seus bacorinhos, que não suje o seu dente com o meu sangue.

Caranguejo. Atende primeiro a esta amante porcaria; se não, fico entendendo que te não passa da garganta esta alporca.

Investe, e cai Maresia desmaiada, e torna Caranguejo na sua forma.

Maresia. Ai de mim! Quem me acode, que morri?

Caranguejo. Ora eu a fiz como os meus narizes! Desmaiou-se Maresia sem dizer: *Aqui estou!* Ó Maresia, ó rapariga! Desacidenta-te, desmorre-te.* Olha que sou eu Caranguejo, que em esquálida forma quis comer a bolota de tua formosura. Mas, ai de mim, que ela já está fria! Se estará morta? Mas não, que ela mesma é uma neve. Porém ela não respira, morta está. Mas não! Que importa que não respire, se ela é o meu alento? Mas ai, que agora me desengano que está morta de todo, que já me fede o seu desdém! Anda cá para os meus braços, que te quero receber à hora da morte. (*Toma-a nos braços*). Oh,

(*) *Desacidenta-te, desmorre-te* – vem a ti; desperta.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

nunca tornes em ti, cadavérica deidade; pois, sendo tu a defunta, eu sou o que tenho o jazigo quando te tenho!

Maresia. Ai de mim!

Caranguejo. Meus pecados, que se vai acabando o prazo que amor me concedeu!

Maresia. Ai, Caranguejo, que foi isto?

Caranguejo. Foi isto mesmo.

Maresia. Aonde está o porco?

Caranguejo. Aqui torce a porca o rabo.

Maresia. Ora dize: aonde está o porco que me queria engolir?

Caranguejo. Ainda não está fora de te papar.

Maresia. Mataste-o?

Caranguejo. Morto está ele há bem tempo.

Maresia. E agora donde estou eu?

Caranguejo. Nos meus braços.

Maresia. Nos teus braços?! Ai de mim, desgraçada mulher! Não sei se quebrei o voto que fiz a Diana.

Caranguejo. Tão vidrento é o teu voto, que com um abraço se quebre?

Maresia. Sou mui escrupulosa nessa matéria. Dize, Caranguejo, por tua vida: achas que quebrei o voto, estando em teus braços?

Caranguejo. Não estou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para ver com mais circunspecção se quebraste o voto.

Maresia. Desgraçada de mim! Eu nos braços de um homem! Que me fará Diana, se o souber?

Caranguejo. E quem lho há-de dizer? Eu, por mim, livre estás.

Maresia. Antes o javali me emporcalhara, que ver-me em teus braços.

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Caranguejo. Para quê tanto rigor?

Maresia. Por não querer que Diana me mate.

Caranguejo. Pois porque fugias da fera?

Maresia. Por não perder a vida.

Caranguejo. Pois, tola, se fugias por querer viver, porque não foges da morte que te espera no sacrifício de Vênus, pela rebeldia do teu desdém?

Maresia. Porque assim como és de segredo, para não dizeres a Diana que estive em teus braços, também o serás para não contares a Vênus que sou desdenhosa.

Caranguejo. A Diana poderei ser desleal, mas não a Vênus, que sou seu sacerdotiso;* e assim, Maresia, deixa-te dessas loucuras; trata de buscar marido; não queiras experimentar o rigoroso golpe do sacrifício.

Maresia. Pois tu, que és o verdugo, não há-de ter dó de me matar?

Caranguejo. Dó terei, mas há-de ser depois da tua morte. Maresia, não zombemos; olha que, se te não resolves, que eu mesmo hei-de ser o beleguim que te leve às aras de Vênus.

Maresia. Que tens tu que eu morra?

Caranguejo. Porque quem te avisa, bem te quer.

Canta Caranguejo a seguinte

ÁRIA

Quando vires o duro cutelo
na tua garganta luzente vibrar,

(*) *Sacerdotiso* – é neologismo cômico, formado de *sacerdotisa*. – Por processo idêntico, mas sem intenção de ter graça, formou o povo a palavra *princês* (masc. de *princesa*).

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

me dirás: *Basta, basta! Eu me caso!*
Porém sem remédio, que então grogotó.
Busca amante o ditoso conjúgio
e dize a Diana que vá bugiar,
e antes te aperte o nó do himeneu,
do que na garganta te aperte outro nó.
(*Vai-se*).

Maresia. Oh, desgraçada Maresia! Para isto vim eu cá acompanhando a Dórida? Não me fora melhor ser no mar alimento de um tubarão, que ser em terra despojo de Caranguejo? Oh voto, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra, não hei-de casar. (*Vai-se*).

Sai Cirene.

Cirene. Que loucura será esta com que andam estes criados, pois antes querem a morte do que casar? Porém, para a fadiga da caça, parece que este virente monte, a quem a Aurora bordou de pérolas, e Abril de flores, me está persuadindo, com vegetantes línguas, que nele descanse, enquanto não chega a comitiva. (*Senta-se e reclina-se no monte*). Oh deliciosa habitação dos bosques, ditosa quem logra a tranquilidade de tua delícia, onde mais segura vive a inocência nas peles dos pastores, que nas púrpuras dos príncipes!

Vai-se insensivelmente desfazendo o monte em que estava Proteu transformado, em cujos braços fica Cirene reclinada como de antes, sem ver a Proteu.

(*) *Grogotó* (brasileirismo) – acabou-se!

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Aqui as setas do amor, tendo mais por onde voar, não ferem com tanta violência.

Proteu. Te enganas,* Cirene, pois até este monte se sente abrasar em amorosas chamas.

Cirene. Quem é o que me responde? (*Levanta-se*)

Proteu. Quem eternamente fora monte, a não ficar em dúvida se as penhas sabem amar.

Cirene. Proteu, que arrojo é este? Mas aonde está o monte aonde me reclinei?

Proteu. Não te admires que desapareça um monte de flores, quando em seu lugar estás vendo um Vesúvio de fogo, donde se fraguam, não as armas de Marte, mas sim as setas de Cupido.

Cirene. Ainda não posso compreender o teu insulto.

Proteu. Qual é o amor que não tem por asas o atrevimento? Se amor se contivera só na extensão de seus limites, não seria excessivo; remontar-se à esfera do Empíreo é timbre de seu poder; e assim não me crimines, Cirene, que, violando as leis do decoro, da política e do sangue, rompa o meu amor nestes excessos, que sobrenatural afecto, que em ti me arrebatou, pode desculpar o meu arrojo e contrastar a tua isenção.

Cirene. Louco príncipe, que intentas com teus extremos?

Proteu. Amar-te.

Cirene. Para quê, se sabes que não posso corresponder-te?

Proteu. Para querer-te não necessito da tua correspondência; que seria menos pura a chama de meu amor, se para arder necessitasse de teus favores.

(*) *Te enganas* – isto é, enganas-te.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Cirene. Pois, se amas independente, para que me buscas amante?

Proteu. Para que não ignores o meu sacrifício.

Cirene. E que importa deixar de o saber?

Proteu. Seria usurpar-te a glória desse triunfo, ocultando-te o despojo da vitória.

Cirene. Visto isso, como estás satisfeito, fica-te embora.

Proteu. Espera.

Cirene. Que mais queres, se satisfeito estás?

Proteu. Que te lembres do meu amor.

Cirene. Para quê, se não hei-de premiar-te?

Proteu. Por não ser preciso tornar-te a significar o quanto te adoro.

Cirene. Por evitar esta ocasião, só por isso me lembrarei.

Proteu. Adverte que, se te disse que não esperava favores, não é justo que experimentes desprezos.

Cirene. Não sei que meio haja entre amar e aborrecer.

Proteu. Uma inclinação, que nem é amor, nem deixa de o ser.

Cirene. Mas poderá ser amor.

Proteu. Se o for, será benignidade tua, mas não que eu o espere.

Cirene. Oh, que se esta chama ardesse em Nereu, sem susto conseguiria a coroa!

Canta Proteu o recitado que se segue, e depois cantam os dous a ária a duo

RECITADO

Belíssimo prodígio, amado encanto,
se te eu dissera o quanto

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

finamente te adoro,
julgaras fabulosa a realidade,
com que me abraso amante
mariposa de amor nesses teus olhos,
que animadas estrelas
nortes luzidos são de um peregrino,
que em votivos ardores
oferece, lacrimoso, em teus altares,
dous líquidos incêndios em dous mares.

ÁRIA A DUO

Proteu. Se acaso te esqueceres
das lágrimas que choro,
a fé com que te adoro
lembrar-te saberá.

Cirene. Não cabe na memória
teu louco desvario,
pois de teu pranto o rio
do Averno só será.

Proteu. Ah, lembra-te de mim,
que terno te adorei!

Cirene. Esquece-te de mim,
que tua não serei.

Proteu. Mal poderei esquecer-me,
Cirene. Mal poderei lembrar-me,
Ambos. De tão violento ardor.

Proteu. Porquê tanta impiedade,
Cirene infiel, porquê?

Cirene. Porque faltar não devo
de esposa à sacra fé.

Ambos. Oh, falte o meu alento,
mas não o meu amor.

PARTE II

CENA I

Sala. Saem El-Rei e Políbio.

Rei. Já que as princesas vivem estimuladas das desatenções de Nereu e Proteu, abreviar as núpcias será o único remédio para que cesse o seu estímulo. Políbio, tenho determinado que hoje se conclua o régio himeneu de meus filhos. Espero da tua diligência que no exterior aparato conheçam as princesas a estimação que delas faço.

Políbio. A teus pés prostrado, Senhor, te rendo as graças por tão grande mercê, pois também me competem as glórias deste dia.

Rei. A ti, porquê?

Políbio. Por ter a fortuna de ver coroada a Cirene, já que tive a dita de ser seu condutor.

Rei. Com isto se atalham as desordens dos príncipes; que a dilação às vezes é causa de grandes ruínas.

Políbio. Acertos são da tua prudência. Na brevidade consiste a minha fortuna. (*À parte, e vai-se*).

Sai Dorida.

Dorida. Vossa Majestade, Senhor, me permita a licença de embarcar-me para Egnido na armada que me trouxe infaustamente a Flegra, por que se não aumente maior injúria à minha pessoa; pois

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

quem antes de ser esposo me desestima, que posso esperar depois, quando as faculdades de marido ignorarem totalmente os estilos do carinho?

Rei. Dorida, a essa desconfiança brevemente satisfarei e adverte, que Proteu é meu filho, e não faltará às obrigações de seu sangue.

Sai Cirene.

Cirene. Senhor, como no Príncipe Nereu não busco honras nem estados, pois estes e aqueles me deu a fortuna, e a natureza, ainda que feudatária a teu vasto Império; e como na doce união de himeneu devem só reger a vontade as leis do amor, e não as da razão de estado, e em Nereu tudo são políticas no seu amor; digo, Senhor, que quero ir-me para Beócia, por não sofrer o meu gênio, que haja de se amar em mim, ou a posteridade ou a ascendência, ficando vacilante na divisão do culto a independência do amor.

Rei. Rigorosos deuses, como assim ides trocando em pesares as minhas bem fundadas esperanças? Princesas, essas desconfianças são demasiados escrúpulos de uma fantasia indiscreta. Em Dórida, a queixa é mais bem fundada; mas em ti, Cirene, é sem fundamento o estímulo; pois não posso compreender essa metafísica de amor. Enfim, Senhores, por que não suspeite o mundo nesses regressos maior causa do que essa, hoje se completará esse himeneu, e então vereis desvanecidos os vossos temores.

Dórida e Cirene com os lenços nos olhos.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Dórida. Já não há tempo de esperar esse desengano; e, quando não me permitas licença, nas correntes de meu pranto navegarei para Egnido.

Cirene. E eu voarei para Beócia nas asas de minhas penas.

Rei. Haverá quem possa resistir a tantos mártiros!

Canta El-Rei a seguinte

ÁRIA

Refreia o pranto, Dórida;
Cirene, não lamentos;
não mais, não me atormentes;
que pode ser que troques
as mágoas em prazer.
Desterra o medo pânico; (*Para Cirene*)
alenta no receio; (*Para Dórida*)
alenta, pois que creio
que contra o meu império
o mal não tem poder.

Cirene. E que desgraça foi a nossa, Dórida, ou para melhor dizer a minha, pois tenho um esposo que adora mais os meus progenitores do que a mim; porque tudo é encarecer-me a minha ascendência amando mais o passado do que o presente!

Dórida. Pois eu, Cirene, em nenhum tempo sou amada; vê tu qual é maior infelicidade!

Cirene. Em Proteu será respeito esse desvio; pois me consta é extremoso amante.

Dórida. Sabes mais do que eu.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Saem Caranguejo e Maresia, cada um por sua parte, sem verem as princesas, como falando só consigo.

Maresia. Por mais que me matem, não hei-de casar!

Caranguejo. Não hei-de casar, ainda que me matem!

Dórida. Há loucura semelhante! O pior é que esta criada está com o mesmo delírio! Maresia, que tens? Comunicou-te este simples a tua loucura?

Caranguejo. Aqui se descobre a patranha. (*À parte*).

Maresia. Minha Senhora, quero embarcar-me para a minha terra, porque nesta, ou hei-de morrer ou hei-de casar; e eu nem quero casar, nem morrer.

Dórida. Ainda mais essa pena tenho que sentir, vendo-te nesse estado! Está também louca confirmada! Que te parece, Cirene?

Cirene. Será força de astro, que influa neste hemisfério.

Maresia. Senhora, eu me quero embarcar, por não morrer.

Dórida. Há caso igual!

Caranguejo. Senhoras, digam-lhe que sim; que, se lhe contradizem,* é capaz de se matar.

Maresia. De sorte que eu fiz voto de castidade a Diana; e assim...

Caranguejo. Sim, sim; o que tu quiseres.

Maresia. Não me deixarás, Caranguejo?

Caranguejo. Mui doidinha estás! Vai-te daí! Não vês que estás diante das pessoas reais?

(*) *Lhe contradizem* – o contradizem.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Maresia. Pois eu aqui não hei-de dar a ossada; isso não. (*Vai-se*).

Cirene. E a ti, louco, quem te há-de repreender?

Caranguejo. Eu louco?! É mui boa casta de louco este! Louco seria eu, se por amor de meu irmão me casasse contra vontade! Isso não, ainda que meu pai me lançasse a maldição com a mão direita!

Dórida. Cala-te, néscio, que te aborreço.

Cirene. Muito se declara o fingido simples. (*À parte*). Quem é teu amo?

Caranguejo. Eu sou uma vírgula de El-Rei Ponto. Quando estamos juntos, fazemos ponto e vírgula.*

Dórida. Cirene, diverte-te com o louco, que eu vou sentir meus males. (*Vai-se*).

Cirene. Anda cá, fingido! Cuidas que não penetro as tuas simuladas frases?

Caranguejo. Isso mesmo é o que eu queria.

Cirene. Quem tão atrevidamente te industriou?

Caranguejo. Um louco de amor.

Cirene. Quem é esse louco?

Caranguejo. É cá uma criatura, que por mais que lhe disse – *Senhor Proteu, veja que a Senhora Cirene*, que assim se fala em ausência, *é esposa de seu irmão Nereu e que não pode casar com ela porque, ainda que queiram os contraentes, hão-de** haver grandes impedimentos!* Mas ele, aferrando os dentes, bateu o pé na casa e, pondo a mão no peito, disse: – *Ou Cirene há-de ser minha, ou eu não hei-de ser eu!*

(*) *Ponto e vírgula* – Atente-se no trocadilho com a palavra *Ponto*.

(**) *Hão-de* – há-de.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Cirene. Com quê, Proteu concebeu tão atrevido pensamento?

Caranguejo. Não, Senhora; não foi Proteu; foi cá uma criatura.

Cirene. Adverte que, a não querer fazer pública essa temeridade, experimentarias o castigo de teu arrojo. Vai-te daqui, insolente, antes que a cólera domine a prudência!

Caranguejo. Tudo isso lhe disse eu. Parece que adivinhava, pois lhe disse: – *Olhe, criatura, que a Senhora Cirene se há-de enfadar.* Vai a criatura e diz-me: – *Bom remédio! Quando vires que se agasta, dize que estás louco.* Com quê, Senhora, não faça caso do que diz um louco; e assim, tornando ao meu lúcido intervalo, digo que não hei-de casar, ainda que me matem. (*Vai-se*).

Cirene. Quem se viu em maior enleio! Mas, já que a ambição de meu pai fabricou este engano, porque não quisestes, injustos fados, que viesse destinada esposa de Proteu, no qual a cegueira de seu amor não distinguiria qualidades para amar, como em Nereu, que...

Sai Nereu.

Nereu. Venturoso Nereu, que ouviu pronunciar o seu nome nesse vivo oráculo de Vênus!

Cirene! Ai de mim! Se me ouviria! Não ouviste mais que o teu nome?

Nereu. Essa foi a última cláusula que te ouvi.

Cirene. Bem estou. (*À parte*). Pois, se não ouviste mais, ouve agora o que não ouviste.

Sai Proteu ao bastidor.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Proteu. Buscando venho o prodígio que adoro.
Mas com Nereu está! Ai, infeliz!

Nereu. Não dilates o venturoso discurso de quem foi assunto à minha felicidade.

Cirene. Dizia, pois, que seja possível que não encontre em Nereu um verdadeiro amor, que deslustre o luzido da sua chama com os fumos da política! Que ame em mim mais o sangue do que as veias! Que venere o pincel e não estime a cópia! Oh, que indigno amor! Isto dizia, Nereu; e, se queres destruir este conceito, muda o sistema do teu amor.

Nereu. Essa divisão que intentas fazer da formosura e da qualidade, é impraticável na minha ideia; e se não, dize-me: seria decente que para esposa minha escolhesse outro sujeito menos que uma princesa?

Cirene. Ai de mim! (*À parte*).

Nereu. Responde!

Cirene. Assim é.

Nereu. Responde-me mais: seria lícito que, inflamado em uma vulgar formosura, abatesse o esplendor da Majestade, antepondo o meu ardor ao meu decoro? Como se conservaria a nobreza, se só o amor fosse o director dos himeneus? Enfim, Cirene, não imagines que desestimo a tua formosura por estimar a tua grandeza; que, quando as adoro unidas, não sei distinguir a causa de meu amor.

Proteu. Que ouça isto e que viva!

Cirene. O amor, Nereu, deve ser distinto, e não indiferente; que quanto maior é a causa donde se origina, tanto mais eficaz é o seu efeito. A qualidade pode infundir venerações, mas não amor; a formosura é aquele vínculo mais forte que prende a vontade; e, como só a chama do amor há-de arder na

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

sacra teia de himeneu, faltando-te a ocasião desse amor, não será luzido o teu himeneu.

Proteu. Notável capricho de Cirene!

Nereu. Ensina-me a fazer essa diferença, para saber no que erra o meu amor.

Cirene. Hás-de imaginar-me, não princesa, porém uma particular formosura, a quem só como amante tributes adorações.

Nereu. E para que é essa diferença?

Cirene. Por que, se algum dia perturbarem os fados esta prosperidade que gozamos, arruinado o trono, quebrado o ceptro e murcho o laurel, não me desestimes, porque já não sou princesa.

Nereu. Quando tal aconteça, contentar-me-ei com que tenhas sido princesa; e por que te não canses com mais explicações de amor, este é o último desengano que te dou.

Canta Nereu a ária que se segue e o seguinte

RECITADO

Deixa, Cirene, deixa esse esquisito
novo modo de amar, que em meus ardores
não distingo outro modo de querer-te,
neste extremo de amar-te,
mais que um puro adorar-te,
com tão cega violência,
que confundo em meu peito o requisito
que em enigmas propões a meus sentidos,
pois que essa formosura me persuade
que beleza não há sem majestade.

ÁRIA

Se em Maio ostenta a rosa
os timbres de formosa,
não deve à formosura
as glórias de princesa,
que a púrpura que veste
lhe deu a investidura
de bela imperatriz.

Pois só se na beleza
Amor se vinculara,
que cedo lhe acabara
do tempo nos estragos
a pompa dos Abris. (*Vai-se*).

Sai Proteu.

Proteu. Acaso, belíssima Cirene, vive ainda na tua memória aquele eficaz extremo de meu amor?

Cirene. Não me lembres tanto, que às vezes o muito lembrar faz esquecer.

Proteu. Pois nem queres que te lembre a minha constância?

Cirene. Para quê, se me não esquece? Que mais queres?

Proteu. Nada mais; eu me retiro. (*Quer ir-se*).

Cirene. Ouves? Não tornes mais a lembrar-me. (*Faz que se vai*).

Proteu. Adverte que te não hás-de esquecer.

Cirene. De quê?

Proteu. Que desejara, se possível fosse, não seres quem és.

Cirene. Para quê?

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Proteu. Para amar-te independente da tua grandeza, pois bastava, para fazer-me feliz, possuir a tua beleza em qualquer estado da fortuna.

Cirene. Que ouço? Apurarei a sua fineza. (*À parte*). Não vês que não estaria bem ao teu caráter menos esposa, que uma princesa?

Proteu. Em um príncipe sem amor assim é; mas, quando se sente abrasar o coração na formosura, rompem-se as leis da política e se promulgam as de Cupido.

Cirene. Pois, a não ser eu quem sou, me adoraras com o mesmo extremo?

Proteu. Eu não adoro em ti mais que a beleza, de cujo peregrino império ambicioso dera, pelo* conseguir, quanto possuo. Ainda é pouco: dera a liberdade! Nada encareço: dera a mesma vida, se tudo já tivera consagrado em os tiranos altares de teu rigor.

Cirene. Como sabes ser impossível deixar de ser quem sou, por isso affectas essa fineza.

Proteu. Ó Cirene, pelos deuses do império do mar e do abismo te juro que as expressões que me ouves não são fantásticas, senão verdadeiros efeitos de meu amor.

Cirene. Basta, príncipe, que isso é mais que lembrar-me o teu querer.

Proteu. É lembrar-te com as circunstâncias com que te adoro.

Cirene. Mas já sabes que sem a esperança de prémio.

(*) *Pelo* – para o.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Proteu. Basta-me não viver ignorado na tua ideia, por não haver prémio que corresponda a meu amor, nem merecimento que contraste a tua isenção.

SONETO

Não intento favores merecer-te,
Cirene, quando chego a idolatrar-te,
que, excedendo os limites só de amar-te,
nunca os princípios toco de querer-te.
Com razão poderias ofender-te,
se ambicioso chegara a desejar-te,
que para ser mais fino no adorar-te,
sem prêmio o sacrifício hei-de incender-te.
Amar, não é querer, que impura ardera
a chama de Cupido, se esperara
frutos adonde tudo é Primavera.
E, se acaso, ó Cirene, imaginara,
Que na tua beleza prêmio houvera,
pelo prêmio a beleza desprezara. (*Vai-se*).

Cirene. Se direi a Proteu quem sou, para estabelecer melhor a minha fortuna! Mas como, se Dórida e Nereu embaraçam a minha prosperidade? Em Nereu vacila a coroa; em Proteu tenho constante ceptro. Oh, desgraçada, Cirene! A tua felicidade te faz mais infeliz.

Sai Políbio.

Políbio. Chegou o venturoso dia, em que se hão-de coroar as nossas esperanças com o diadema da posse, pois ordenou El-Rei que hoje se concluam os himeneus dos príncipes.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Cirene. Mas, Senhor, não te lembram as palavras de Nereu?

Políbio. Nem tudo o que se diz se executa.

Cirene. E se o executar?

Políbio. E que remédio, senão obedecer aos fatos? Que, se todos os sucessos se premeditassem, nenhuma acção extraordinária se intentaria. Vamos, que na brevidade consiste muita parte da nossa fortuna.

Cirene. Espera, Senhor, que pode ser que sem susto a consigamos.

Políbio. Dize.

Cirene. Proteu me adora tão excessivamente, que chegou a publicar, entre várias expressões do seu amor, que ainda a não ser eu princesa, como supõe, me faria esposa sua, e revalidou com tais juramentos, que me fez persuadir a sua realidade.

Políbio. Saberá acaso que tu és minha filha?

Cirene. Não, Senhor; e parecia-me que, se pudesse eu ser de Proteu, e...

Políbio. Cala-te! Não pronuncies tal, que, para isso assim ser, dependia do consentimento de El-Rei, da vontade de Nereu e do beneplácito de Dórida; quanto mais, que pretexto decoroso para isso poderia haver? Sigamos o premeditado desígnio, que os deuses nos serão propícios (*Vai-se*).

Cirene Já nem esperanças tenho de ser feliz, pois vejo frustrados todos os meios que podiam fazer-me ditosa.

Canta Cirene a seguinte

ÁRIA

Mísera já não posso
fugir à crueldade,

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

se um pai me persuade
que siga o vil destino
de um bárbaro furor.

Parece-me que vejo
nos braços de Nereu
a morte por troféu
do seu cruel amor. (*Vai-se*).

CENA II

*Gabinete adornado de cadeiras e um relógio,
e sai Maresia.*

Maresia. Se Dórida me não manda para a
minha terra, sou capaz de me enforcar pelas
minhas mãos; pois antes quero ser eu carrasca
de mim mesma, que dar esse gosto a
Caranguejo. Mas, ai de mim, que me não posso
ter em pé! Que, de contínuo considerar na
matéria, caio com virtiges!* Ai, ai, que tenho o
miolo fofo! Se me não sento, caio de narizes.
Que seria de mim, se não fora o bálsamo
apoplético, que me corrobora o cérebro?***

*Assenta-se em uma cadeira, que subitamente
se transforma em Caranguejo, em quem ficará
assentada Maresia, cuidando que está na
cadeira.*

Caranguejo. Já que Maresia está de assento,
verei se posso surrepticiamente*** aproveitar-
me de seus

(*) *Virtige* – é forma popular de *vertigem*.

(**) *Cérebro* – cérebro. *Corroborar o cérebro* –
fortalecer o cérebro.

(***) *Surrepticiamente* – sub-repticiamente.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

culatrais favores, já que tão atrasado estou no seu amor.

Maresia. Se não fora este voto de castidade, que me dera a mim de casar?

Caranguejo. Agora, que amor navega de vento em popa, verei quanto pesa este Indiátrico planeta.

Maresia. Se eu tivera a certeza, que Diana se não havia enfadar, já me casara rebolindo; mas eu pecadora, como o hei-de saber? Bem podia Diana, vendo a barafunda, em que me acho, não digo cara a cara, mas dizer-me ao ouvido o que neste caso devo obrar.

Caranguejo. Casar.

Maresia. Que ouço! Ditosa orelha, que tal ouviste! Logo posso sem ofender-te casar?

Caranguejo. Até rebentar.

Maresia. Bem, visto isso o voto não val de nada?

Caranguejo. Nada.

Maresia. E a promessa val de pouco?

Caranguejo. Como um coco.

Maresia. Não tenho mais que ouvir; vou-me depressa a dar ordem a namorar-me para casar, antes que Diana se arrependa.

Quer levantar-se, e a detém Caranguejo.

Caranguejo. Suspenda.

Maresia. Quem me agarra?

Caranguejo. A minha garra.

Maresia. És tu, Caranguejo? Há maior insolência? Eu assentada em tí! Como foi isto?

Caranguejo. Eu o não direi; o que sei é que estando assentado em um tamborete, vieste tu, e te sentaste nas minhas cadeiras.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Maresia. Tal estava com as virtigens, que não reparei aonde me assentava; e tu por que te não desviaste?

Caranguejo. Estava dormindo, e não te senti.

Maresia. Por isso eu dizia comigo: valha-me Deus, que duro é este assento!

Caranguejo. Por isso eu também dizia: valha-me amor, que mole é esta assentada! E logo assentei comigo fazer disso um assento no canhenho de minha memória.

Maresia. Ouvirias também o que eu ouvi?

Caranguejo. Que ouviste tu?

Maresia. Não, dize tu primeiro.

Caranguejo. Não quero, dize tu.

Maresia. Eu não hei-de dizer, sem tu dizeres.

Caranguejo. Com que estamos aqui dize tu, direi eu? O que eu ouvi foi uma voz, ou um eco sussurrante, que dizia azar, azar.

Maresia. Casar, é que dizia.

Caranguejo. Casar diria, ainda que eu não ouvi mais do que azar; porém casar, e azar tudo é o mesmo.

Maresia. Já sei, que não foi fantasia, nem me enganei no que ouvi.

Caranguejo. Pois que era?

Maresia. Não era nada; que te importa?

Caranguejo. A mim dois caracóis; nunca tive génio de inqueridor;* o que me importa saber é se ainda estás com estômago de ser sacrificada, que o tempo se vai acabando, e Vénus já me perguntou:

(*) *Nunca tive génio de inqueridor* – nunca tive jeito para inquisidor. – Vide Vol. II, Anfitrião, p. 142.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Esta moça casa, ou não casa? E eu fiz que a não ouvia, por ouvir-te o último desengano. Pois que dizes?

Maresia. Senhor Caranguejo, eu já estou resolvida a casar.

Caranguejo. Eu sempre disse que tu morrias por casar.

Maresia. Quero casar; que hei-de fazer?

Caranguejo. Que dizes, minha Maresia? Dá cá um abraço em alvíssaras dessa boa nova.

Maresia. Abraço? Uma bala!

Caranguejo. Que desabalado rigor!

Maresia. Quero que Vénus me deva essa fineza.

Caranguejo. Ela te agradecerá; porém agora é necessário escolher marido logo, e já.

Maresia. Ai, com tanta pressa! Hei-de escolher muito de meu vagar.

Caranguejo. Qual vagar? Vénus é mui executiva; que, se todas dissessem – *Ainda não escolhi marido*, com esse pretexto nunca casariam. Não, Senhora: escolher logo; ou, para melhor dizer, não escolher, senão fechar os olhos, e casar, seja com quem for.

Maresia. Isso agora é mais apertado.

Caranguejo. Não tem remédio.

Maresia. Com quem hei-de casar, se não conheço ninguém?

Caranguejo. Lança os olhos por esta casa. Vê, vê se achas aqui com quem te empregues.

Maresia. Aqui fora ele não está ninguém.

Caranguejo. Pois casa com esse ele.

Maresia. Quê? Contigo?!

Caranguejo. Contigo não! Comigo!

Maresia. Pois hei-de casar comigo?!

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Caranguejo. Não, com eu!

Maresia. Ora isso é o que me faltava! Antes morrer, que casar contigo!

Caranguejo. Pois eu sou mais feio que a morte?

Maresia. Sim, que podes ser morte da morte.

Caranguejo. Não me mortifiques com esse elogio fúnebre.

Maresia. Era o que me faltava!

Caranguejo. Talvez que te falte, quando me buscares.

Maresia. Se for para isso, nunca tu apareças.

Canta Maresia a seguinte

ÁRIA

Não vem o meu noivo
como é galantinho?

Com esse focinho
queria mulher?

Que tolo, que simples, que néscio é você?

Bem sei não mereço
tão lindos amores;
porém tais favores
os lanço de mim, coa ponta do pé. (*Vai-se*).

Caranguejo. Ora, Senhores, digam o que quiserem. A tal Maresia, se não federa, era uma galante mocetona; porque, ainda que me não quer, disse-me quanto quis.

Sai Cirene.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Cirene. Louco, que fazes aí?

Caranguejo. Estava vendo este relógio que é uma galante peça e me disseram que dava horas por minuets, que parece gente que canta.

Cirene. Começa com as tuas loucuras.

Caranguejo. Não, Senhora, agora não tenho o relógio desconcertado; mas espere, que ele começa a dar horas.

Canta Proteu o seguinte

MINUETE

Toda a minha alma
se abrasa amante,
e a cada instante
morrendo está.

Mais que os minutos
são meus ardores,
nos teus rigores
conta não há.

Mas ai, tirana,
se a quem te adora
fosse esta hora
hora de amar!

Cirene. Isto é mais que artifício humano!
Confusa estou!

Caranguejo. Estou vendo que há-de vir tempo em que os relógios comam, casem, e tenham filhos.

Cirene. Quem me dera que tornasse a repetir esta suavíssima consonância.

Caranguejo. O relógio é de repetição; se o quer tornar a ouvir, toque-lhe naquele ferrinho, e verá.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Cirene. Tu parece que sabes o segredo desse relógio.

Caranguejo. Sim, Senhora, o segredo desse relógio só eu e ele o sabemos.

Cirene. Pois faz com que repita.

Caranguejo. Para quê? Toque Vossa Alteza mesmo com o seu altíssimo dedo; que tem mais galantaria a mão de uma Senhora no mostrador de um relógio.

Cirene. Pois eu toco. Mas ai de mim! Proteu, como assim...

Toca Cirene no relógio, e este se transforma em Proteu.

Proteu. Não te admires, Cirene, que busque o meu amor artifícios para comunicar-te; que donde não vence a força dos carinhos, vençam as subtilezas da indústria. Tu sabes o quanto te adoro; não ignoras o extremo com que te idolatro; e quanto mais impossíveis encontro para possuir-te, mais incentivos me arrastam para querer-te.

Cirene. Príncipe, o teu amor, ou o teu delírio não pode ter recompensa. Não sabes que estou destinada a esposa de teu irmão, e que estás eleito consorte de Dórida? Como poderá uma paixão cega vencer tantos impossíveis e dificuldades?

Proteu. Logo se as não houvera, conseguiria a tua beleza?

Cirene. Para quê, se tu amas independente do prémio?

Caranguejo. Se dá corda ao relógio, não parará um instante. *(À parte)*

Proteu. Ainda que ame sem esperança não desmereço o prémio.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Cirene. Isso mesmo é esperar o prémio do merecimento.

Proteu. Não, que bem posso merecer sem esperar.

Caranguejo. Se espero que isto se acabe, tenho bem que esperar. (*À parte e vai-se*)

Proteu. Só uma súplica te faço.

Cirene. E é?

Proteu. Que não busques os braços de teu esposo, que não serão tão firmes como os meus.

Sai Políbio ao bastidor.

Políbio. Que vejo! Cirene, e Proteu! Observarei o que dizem.

Cirene. Não sei se me declare com Proteu, que aquela fineza não é para desprezar. (*À parte*)

Proteu. Que te suspendeu, Cirene? Imaginas nos obstáculos que propuseste? Pois sabe, que tenho no mar poder, e no peito fogo para consumir a mais forte oposição.

Cirene. Ai, Proteu, quem pudera experimentar a tua constância! Mas temo declarar-te...

Políbio. Ai de mim, que Cirene se declara!

Proteu. Não receeis que desestime a ocasião de possuir essa ventura, que me negas, tirana.

Cirene. Prometes, Proteu? Ai de mim! Não sei o que digo! Se acaso souberes... Que enleio me embaraça?

Políbio. Estou perdido, se lhe declara o segredo!

Proteu. Que receias? Não sabes o meu amor?

Cirene. Pois Proteu, já que o teu extremo me segura o receio, saberás que eu...

Sai Políbio.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Políbio. Eu lho estorvarei. (*À parte*). Senhora, El-Rei ordena que venhas já para que se efectue hoje o himeneu.

Cirene. Ai de mim!

Proteu. Hoje mesmo?

Políbio. É vontade de El-Rei.

Proteu. Não pode haver dilação?

Políbio. Nenhuma. Vem, Senhora.

Proteu. Espera, Políbio, que celeridade é essa?

Políbio. É obedecer aos impérios do Soberano.

Proteu. Obedece, mas não excedas; que isso mais parece violência, que obediência.

Políbio. Mais val o excesso em um vassalo, que a desobediência em um filho.

Proteu. Tu me repreendes, bárbaro, forasteiro? Não te lembra, que vieste de Beócia a mendigar favores em Flegra? Se não fôra...

Cirene. Senhor, Políbio nos seus anos tem a desculpa de seu excesso.

Políbio. Senhor, como El-Rei manda que não vá sem a Princesa, todo o excesso é louvável. Senhora, não te dilates.

Cirene. Príncipe, é força obedecer.

Proteu. Pois vais com efeito ao himeneu?

Políbio. Infalivelmente.

Proteu. Não te pergunto a ti; com Cirene falo.

Políbio. Pois eu por ela respondo, que deixar de ir será impossível.

Proteu. E eu também por ela respondo que ir não pode.

Políbio. Eu sem ela não hei-de ir.

Proteu. E eu mando que vás sem ela.

Políbio. Cirene não é Dórida.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Proteu. E eu sou Proteu, que, uma vez empenhado em impedir-te que leves a Cirene, o não hás-de conseguir.

Cirene. Príncipe, que te perdes! Políbio, que fazes?

Políbio. Obedecer a El-Rei.

Cirene. Príncipe, adeus. Vou sem alma! (*À parte*)

Proteu. Espera. Ai de mim, que a vida e o coração me levas! (*À parte*).

Políbio. Venha vossa Alteza, que assim importa.

Proteu. Pois, bárbaro instrumento de minha morte, roubarei a tua vida, em recompensa da que me levas.

Puxa Proteu um punhal contra Políbio e fere a Cirene, que se mete de permeio e cai desmaiada.

Políbio. Que intentas?

Cirene. Suspende, Senhor! Mas, ai que me feriste, e o sangue... Ai de mim!

Proteu. Que vejo! Cirene (ai, infeliz!) ensanguentada! Ah, cruel, que tu foste a causa ...

Políbio. A tua imprudência ... Há tormento igual! Senhora? Cirene?

Proteu. O sangue é copioso. Mas eu vivo, e Cirene desmaiada! Eu me tirarei a vida para castigo de meu inocente delito. Morre, infeliz Proteu!

Ao querer ferir-se Proteu, Políbio o detém, tirando-lhe o punhal e fica com ele na mão.

Políbio. Senhor, que fazes? Não sejas homicida de ti mesmo.

Proteu. De que me serve a vida, vendo sem vida a Cirene?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Políbio. Larga o punhal; não te mates.

Proteu. Não é necessário mais instrumento para a minha morte que a minha pena. (*Vai-se*).

Saem El-Rei, Nereu, Dórida e Maresia.

Rei. Que excesso é este?

Nereu. Ai de mim! Cirene ensanguentada!

Dórida. Sem alentos Cirene!

Rei. Que foi isto, Políbio?

Políbio. Quem se viu em maior aflição! (*À parte*).

Rei. Emudeces? Não respondes?

Nereu. Queres mais resposta que aquele punhal e aquele sangue?

Rei. Retirem a princesa, e cuide-se exatamente na sua saúde.

Maresia. Vamos. Coitadinha! Ainda assim, o sangue real é vermelho* como os outros sangues. (*Leva a Cirene*).

Rei. Dize, infame temerário, que espírito sacrílego animou esse braço para tanto insulto?

Nereu. Não perguntes; castiga sem dilação.

Políbio. Senhor, que direi? Este braço não se armou contra Cirene, porque...

Rei. Pois quem, se esse punhal te contradiz?

Nereu. Aquela ferida te condena.

Dórida. E aquele sangue te acusa.

Políbio. E esta vida me falte, se eu...

Nereu. Em vão negas, quando vemos em ti o punhal e em Cirene o golpe.

(*) *O sangue real é vermelho* – Este comentário, algo arrojado, encontra-se também adiante, pág. 88.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Políbio. Oh deuses! Quem se viu em maior consternação? Pois, se crimino a Proteu, há-de prevalecer a sua defesa, e a minha inocência perecerá. (*À parte*).

Rei. Nenhuma desculpa dás?

Políbio. Cirene o dirá.

Rei. Pois, enquanto o não diz, levem-no à torre de palácio, aonde se apure o seu delito, e da sua culpa o castigo fique ao arbítrio de Nereu, como parte mais ofendida.

Políbio. Não pode haver castigo aonde não há culpa.

Canta Políbio o seguinte recitado, depois do qual cantam El-Rei, Dórida, Nereu e o mesmo Políbio a ária a quatro

RECITADO

Não me assusta, ó Monarca, esse castigo,
que me intimas irado;
que o sangue de Cirene idolatrado
derramar não procura quem o estima,
qual outro pai; porém, se a sorte impia
pretende assim que eu morra,
morrerei satisfeito; mas adverte:
se acaso a minha vida
a sua duplicara hoje no trono,
eu seria homicida de mim mesmo,
e já na morte exangue
lhe servirá de púrpura o meu sangue.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

ÁRIA A 4.

- Políbio.* Sem culpa ao suplício
me leva um rigor.
- Rei.* Infame, traidor,
sem culpa não é.
- Nereu.* Não é, porque a culpa
bem clara se vê.
- Políbio.* Teu rogo propício (*Para Dórida*)
Senhora, interceda
por este infeliz.
- Dórida.* Não posso, que a culpa
desculpa não tem.
- Políbio.* Não há quem acuda
por este infeliz?
- Dor. Rei. Nereu.* Não há, porque a culpa
bem clara se vê.
- Políbio.* Que eu morro inocente
vós, deuses, sabeis.
- Dor. Rei. Nereu.* Da justa vingança
o exemplo sereis.
- Políbio.* Da injusta vingança
aos céus clamarei.
- Dor. Rei. Nereu.* Os deuses fulminem
um grave castigo,
que a um bárbaro dê.

PARTE III

CENA I

Jardim, em que estará sobre uma Pilastra um vaso de amor-perfeito, e em outra mais inferior outro de cravos amarelos, e sai El-Rei Ponto.

Rei. Quem me aconselhará em tantos combates de dúvidas, quantos assaltam a este aflito coração? Deixo as imprudências dos príncipes na desatenção das princesas, como mal que pode ter remédio; mas a ferida de Cirene não tem cura na minha mágoa. Que furor fulminado do cavernoso Abismo impeliu o peito de Políbio para tanto excesso? Não cabe na imaginação o seu atrevimento.

Sai Cirene.

Cirene. Senhor, a teus pés...

Rei. Que excesso é este, Cirene? Como te vejo neste lugar ainda mal convalecida*?

Cirene. A ferida não foi tão grave como se imaginou, pois apenas penetrou a região da cútis; porém, ainda que fora mortal, nem por isso deixaria de vir a teus pés.

Rei. Que causa pode obrigar-te a tanto excesso?

(*) *Convalecida* – convalescida.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Cirene. A liberdade de Políbio, por quem, Senhor, intercedo; e, se o meu valimento pode merecer-te alguma atenção, espero da tua benignidade satisfaças ao empenho do meu desejo.

Rei. Quando eu cuidava que vinhas a fomentar o seu castigo, vens a interceder pela sua liberdade?

Cirene. Por isso mesmo, porque a vingança não cabe em peitos generosos.

Rei. E que diria o Mundo, vendo impunido* um tão grave delito?

Cirene. Melhor é que o Mundo ignore que houve atrevimento em um vassalo para crime tão execrando; que há casos às vezes em que é melhor dissimular a culpa, que castigar o delito.

Rei. E não podes penetrar o desígnio dessa temeridade de Políbio, ou que interesse buscava na tua morte?

Cirene. Não sei mais que pedir-te a sua liberdade.

Rei. A Nereu, como parte mais ofendida, entreguei a culpa de Políbio; dele depende a sentença; a ele podes recorrer. (*Vai-se*).

Cirene. Ai de mim! Que sendo Proteu o que me ferisse, seja Políbio o culpado! Mas Políbio, que se desculpou com Proteu, mostrando a sua inocência, sem dúvida que o quer conservar para o fim de seus intentos. Ai, amado pai, quantos extremos te devo, pois pela minha fortuna ofereces a tua vida! Mas para que neste oceano de confusões saiba o norte que devo seguir, lhe enviarei um aviso, oculto nas flores de um ramilhete**, para que com esta cautela

(*) *Impunido* – impune.

(**) *Ramilhete* – ramalhete.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

se encubra o meu desígnio. Este amor-perfeito
seja o instrumento de minha fortuna.

*Ao tirar um ramo de amor-perfeito,
desaparece a Pilastra, e o vaso ficando em
Proteu, em cuja mão se une a de Cirene,
cuidando que pega na flor.*

Ai de mim! Que vejo? Atrevido Proteu,
solta-me a mão; não queiras com os disfarces
de flor encobrir os venenos de áspide, que tu
não és o amor-perfeito que eu busco.

Canta Proteu o seguinte recitado e ária

RECITADO

Amor-perfeito sou, Cirene bela,
que, inundado da cópia de meu pranto,
ao Empíreo se estende a minha rama;
que só no céu de fogo busco a chama,
como centro feliz de meu incêndio;
e, se aquela ferida,
belíssima homicida,
aumenta teu rigor nessa impiedade,
uma casualidade
(Ai de mim!) destruir não pode aquela
doce esperança, que me prometias;
mas, se a inocente culpa que não tenho
teus rigores aumenta,
verás (oh, ímpia sorte!)
buscar na minha dor a minha morte.

ÁRIA

Se Amor, se a Parca irada
qualquer tirar-me intenta
a vida que me alenta,
mais val que eu seja (ó bela),
triunfo, não da morte,
despojo, sim, do amor.

Pois, quando aflito intento
buscar maior tormento,
morrendo só de amante,
será o penar maior. (*Quer ir-se*).

Cirene. Espera, Proteu, que não te crimino para te castigares. Bem sei que eu mesma me entreguei ao golpe quando intentava ferir a Políbio.

Proteu. Também sei que eu, ainda que inocente, fui o instrumento de teu eclipse; e, ainda que no sagrado de tua beleza acha imunidade a minha culpa, permite-me, Cirene, que a satisfaça morrendo.

Cirene. Não é tempo agora de ouvir finezas; sabe, que Políbio...

Proteu. Já sei que a Políbio se imputou o delito de ferir-te, e que preso está na torre de palácio.

Cirene. E sabe que, por te não criminar, consentiu mudamente no crime que se lhe impôs. Agora, Proteu, é escusado lembrar-te a obrigação em que estás de o libertares, como príncipe e como generoso; que é razão te empenhes em defender uma inocente vida, que pela tua tranquilidade se expõe ao mais fúnebre cadafalso.

Proteu. Suposto seja Políbio o instrumento de minha ruína na celeridade de teu himeneu, contudo,

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

como te empenhas na sua liberdade, por ela exporei a minha vida; que morrer por ti, ó Cirene, não é novidade no meu amor.

Cirene. Não é necessário, por ora, tocar o último extremo da fineza; vença a indústria primeiro, e depois a desesperação; e só esta acção poderá persuadir-me a tua constância.

Proteu. Pois ainda dela duvidas?

Cirene. Sim; pois até o presente não experimentei em ti mais que variedades na tua forma. Deixa, pois, o mudável e sê firme na eficácia de tua fineza.

Proteu. Ainda que tenha por natureza o mudável, isso é quanto ao exterior, pois todas essas mudanças são demonstrativos de minha firmeza.

Cirene. Pois, príncipe, na liberdade de Políbio a experimentarei.

Proteu. Na liberdade de Políbio o verás.

*Ao irem-se, saem ao encontro Nereu a Cirene,
e Dórida a Proteu.*

Dórida. O que há-de ver, Cirene?

Proteu. Na vida de Políbio o castigo de sua temeridade. (*Vai-se*).

Nereu. Que intentas experimentar?

Cirene. A tua fineza na liberdade de Políbio, apesar dos empenhos de Proteu.

Nereu. Ah, tirana, que bem percebo a tua indústria! (*À parte*).

Cirene. E assim, Nereu, espero da tua generosidade que libertes a Políbio; que com este prémio lhe satisfaço o ser ditoso instrumento de eu possuir a felicidade de esposa tua, na condução de Beócia para Flegra.

O Nereu. Parece que algum susto ou
B perplexidade te fez mudar a intenção de tua
R súplica... Ah, tirana! (*À parte*).

A Cirene. A ânsia que tenho de libertar a
S Políbio, quando me aflige o coração, não
me perturba o acordo para pedir-te a sua
C liberdade.

O Nereu. Para te ostentares generosa, basta
M saber-se que intercedeste por Políbio; mas
P eu, como duas vezes ofendido na sua vida,
L vingarei as minhas ofensas. (*Vai-se*).

E Cirene. Que se falte ao respeito a uma
T esposa e a uma princesa! Dórida, intercede
A também por Políbio, que talvez seja mais
S venturosa a tua súplica.

Dórida. Pede a Proteu, que não deixará
D de satisfazer ao teu empenho; que eu me
E embarco para Egnido sem dilação, pois já
conheço a causa donde nascem os desvios
A de Proteu.

. Cirene. Onde, Dórida?

Dórida. Onde não imaginava, Cirene.
J (*Vai-se*).

O Cirene. Ai, infeliz, que Proteu me intenta
S precipitar com seus extremos, pois do
É semblante de Nereu, e das palavras de
Dórida infiro os zelos em que se abrasam!
D Ah, Proteu, já que tu és a causa de todos os
A meus males, sê algum dia instrumento de
minha fortuna.

S

I

Canta Cirene a seguinte

L

ÁRIA

V

A

Fortuna, que inconstante
te ostentas rigorosa,
quando serei ditosa?

N

e

69

r

e

u

.

P

a

r

e

c

e

q

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Quando serei feliz?
Suspende por um pouco
teu moto acelerado;
não seja sempre o fado
cruel a uma infeliz. (*Vai-se*).

Sai Maresia.

Maresia. Agora me disse Dórida que me preparasse, que nos havíamos embarcar para a nossa terra. Isso já havia ser há mais tempo; e sem dizer nada a Caranguejo, me hei-de despedir em grego, que ainda é pior que em latim; e quantos trastes e cacaréus* tiver, tudo hei-de levar comigo. E para sacrificar a Diana, deusa dos bosques, levarei este craveiro de cravos amarelos, em memória da desesperação em que me pôs o sacerdotiso** Caranguejo; e assim já o vou levando, ainda que seja ao colo.

Ao tomar Maresia o craveiro nos braços, se transforma este em a figura de Caranguejo e diz Maresia o seguinte:

Maresia. Mas ai! Que diabo é isto?

Caranguejo. Não é diabo; sou eu mesmo, que sou endiabrado.

Maresia. És tu?! Deixa-me, negro mofino.
Caranguejo. Mofina és tu, que nenhum favor me dás.

Maresia. Larga-me; se não, hei-de chamar à que del-Rei.

(*) *Cacaréu* – Traste velho.

(**) *Sacerdotiso* – sacerdote. Vide pág. 34.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Caranguejo. E eu hei-de chamar à *que de Vênus**!

Maresia. Tu não queres?

Caranguejo. Quero, quero!

Maresia. Pois toma! (*Atira com ele ao chão*).

Caranguejo. Só isso me podes dar; mas, caindo a teus pés, não quero maior fortuna.

Maresia. É muito atrevido. Com enganos comigo?

Caranguejo. Deixemos isso, Maresia, que já não estamos nesses termos, pois só a teus pés prostrado põe a boca um Caranguejo amante e te pede, com lágrimas de sangue, que, se hás-de escolher marido, que seja este pobre mendigo de teus favores, pois nisso farás uma obra pia; porque sou um moço órfão, sem pai, nem mãe.

Maresia. Já não se me dá de Vênus, porque hoje me embarco e mais Dórida e nos vamos desta maldita terra.

Caranguejo. Isso é falar.

Maresia. Quando o vires, ou quando me não vires, então o crerás.

Caranguejo. Não puderas ter feito isso há mais tempo e escusar de andar dando tratos ao juízo, empenhando-me com Vênus, pedindo-lhe amoratórias para te esperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua pessoa? Isto tudo tenho obrado a teu respeito; e agora, que há-de ser de mim?

Maresia. Cada qual forra a sua pele.

Caranguejo. E a minha há-de ficar cativa, para Vénus me tirar do coiro a fiança?

Maresia. Que tenho eu com isso?

Caranguejo. É boa essa! Não, Senhora, que eu

(*) *À que de Vênus* – Variante cômica de *à que de El-Rei*.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSIA

fiquei por você que havia de casar mais dia, menos dias; e agora quer escapulir? Nada. Mandado de segurança* no caso!

Maresia. Eu não vou por minha vontade, que Dórida me leva.

Caranguejo. Pois casa primeiro, antes que te vás, ainda que seja comigo, e vai-te depois muito embora, que isso basta para eu ficar liberto no forro interno.

Maresia. Qual casar? Se eu, por amor disso, me vou, e contigo muito menos.

Caranguejo. Esse menos é que é o mais.

Maresia. O que posso fazer é despedir-me de ti. Se queres, direi que te fiques embora.

Caranguejo. Eu sempre ouvi dizer que quem se despede se abraça; e, se me hás-de abraçar, despeçamo-nos já.

Maresia. Um abraço francês não se nega a ninguém. (*Abraça-o*).

Caranguejo. Ora seja pela vida e saúde do Senhor seu pai! Abraçada seja a tua alma todos os dias da tua vida.

Cantam Caranguejo e Maresia a seguinte

ÁRIA

Maresia. Senhor Caranguejo,
adeus, que me vou.

Caranguejo. Lá vai o meu bem;
meu mal me matou.

Maresia. Não chore, barbado;

(*) *Mandado de segurança* – expressão de justiça, semelhante a *mandado de captura*.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Políbio. À tua presença chega o infeliz Políbio, e tão infeliz, que pela mesma ação que devera ser premiado, se vê na consternação de perder a vida.

Cirene. Mal posso conter as lágrimas.

Nereu. Políbio, já sabes que sou o fiscal de tua culpa; do castigo não duvides; porém, para que seja menos horroroso o espetáculo, quero me digas qual foi o fim de tão enorme delito.

Políbio. Que delito?

Nereu. Ainda te atreves a negar, ou imaginas que não delinquiste?

Políbio. Sim, porque não ofendi a Cirene.

Nereu. Não intentes negar um delito que não tem defesa, que quase aos nossos olhos foi cometido. Só quero me digas quem te impeliu a tanto excesso.

Políbio. Senhor, eu não ofendi a Cirene; ela sabe a minha inocência.

Nereu. Pois quem?

Políbio. Cirene o dirá.

Nereu. Cirene, se queres a vida de Políbio, porque não declaras o ofensor?

Cirene. Ai, infeliz! Que farei entre um pai e um amante? (*À parte*).

Nereu. Que dizes? Mas nada digas, que o teu silêncio eloquente me diz que foi Políbio; que, se não fosse, quando lhe desejas a liberdade acusarias o delinquente. Não tenho mais que averiguar: seja Políbio conduzido ao templo de Astreia, aonde no rigor da justiça pague com a vida o seu delito.

Chegam os guardas, a levar a Políbio.

Cirene. Esperai, que Políbio não é o delinquente.

Nereu. Pois quem, Cirene?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Cirene. Que direi! Oh, abismo de confusões!
(*À parte*).

Nereu. Levai a Políbio, que Cirene o condena.

Políbio. Vamos, que um respeito me crimina.
(*Vai andando*).

Cirene. Vença ao amor a natureza! Suspensei,
que eu declaro quem foi o delinquente.

Nereu. São escusados esses artifícios para
suspender a execução. Levem a Políbio, que ele é
o delinquente.

Cirene. Não é, Nereu! Não é: eu é que fui a
delinquente.

Nereu. De que sorte?

Cirene. Desta sorte: como determinava El-Rei
a brevidade do nosso himeneu...

*Sai Proteu com espada, e soldados também
com elas, e Caranguejo armado.*

Nereu. Que é isto, Proteu?

Proteu. Libertar a Políbio, para que a súplica
de Cirene não fique sem satisfação decente à sua
pessoa.

Nereu. Pois tu intentas despicar as injúrias de
minha esposa?

Proteu. Não; mas as injúrias de uma dama
ofendida, sim.

Cirene. Maior dano se vai originando. (*À
parte*).

Políbio. Proteu obra como príncipe. (*À parte*).

Caranguejo. Hoje há-de ir tudo com Berzabu.

Nereu. Proteu, enlouqueceste? Não sabes o
perigo a que te expões?

Proteu. Já sei.

Nereu. Pois que intentas, se o sabes?

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Proteu. Defender a Políbio.

Nereu. Como?

Proteu. Desta sorte. (*Brigam*).

Caranguejo. Ai, que aqui está o homem! Que é isso lá?

Nereu. Insolente Proteu, saberei castigar a tua temeridade.

Políbio. Valha-me o valor de Proteu.

Cirene. Nereu, Proteu, que intentas? Ai de mim! Políbio, retira-te.

Políbio. Não posso, que as prisões me embaraçam.

Proteu. Políbio, segue-me.

Nereu. Não, enquanto esta espada se unir a este braço.

Caranguejo. Ah, cobardes! Hoje há-de sentir o Mundo as mordeduras deste Caranguejo.

Saem El-Rei e Dorida.

Rei. Que insulto é este? Que é isso, príncipes? Suspendei as armas.

Proteu. Frustrou-se o meu intento. (*À parte*).

Dórida. Que lastimosa tragédia!

Caranguejo. Bom padrinho tiveram.

Rei. Nereu, que excesso foi este?

Nereu. Arrojo de Proteu, que com esta violência intentou libertar a Políbio por satisfazer aos empenhos de Cirene.

Rei. Temerário Proteu, como sem atenção ao decoro deste palácio com mão armada assim o profanas?

Caranguejo. Ponto de interrogação!

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Proteu. Senhor, um precipitado empenho não repara em atenções; que a cega paixão que predomina em meu peito não sabe distinguir a púrpura, mais que a do sangue, que intento verter pela liberdade de Políbio.

Rei. Bárbaro louco, imprudente! Assim me respondes? Não sabes que sou teu pai e teu Rei? Levem-no preso e junto com Políbio serão ambos vítimas de Astreia. Quem viu maior insulto!

Caranguejo. Ponto de admiração!

Proteu. Mais me vanglorias com esse castigo, pois, quando não posso defender a Políbio, ao menos me servirá de desculpa o não ter vida para libertá-lo.

Cirene. Expirou a minha esperança, e eu com ela. *(À parte).*

Dórida. Sem embargo das ingratidões de Proteu, por ele suplico, Senhor.

Rei. Não peças por um ingrato.

Dórida. Basta-lhe ter o nome de esposo meu.

Rei. Deixa, Dórida; deixa que se vinguem em um só castigo tantas ofensas. Sejam levados, como digo, ao templo da Justiça, aonde no seu sangue se purifiquem as suas culpas.

Políbio. Não val a minha inocência contra esse rigor?

Cirene. Não pode o meu pranto abrandar essa dureza?

Proteu. Não se atende ao meu caráter?

Rei. Não pode; não val; não se atende! Levai-os! *(Vai-se).*

Caranguejo. Aquilo é ponto final.

Cirene. Cruel esposo, por que não te jactes que triunfas de minhas lágrimas, não hás-de ter o prazer

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

de que eu veja a execução de tua vingança; pois, desesperada, buscarei quem me vingue desta injúria. (*Vai-se*).

Políbio. Os céus mostrarão a minha inocência. (*Vai com os guardas*).

Nereu. Vá também esse tirano irmão, perturbador do sossego de meus sentidos.

Proteu. Não há-de ter essa jactância. (*À parte*).

Dórida. Vê, Nereu, que contra um irmão é indigno esse procedimento.

Nereu. Se souberas, Dórida, o que eu não ignoro, não intercederas por ele.

Dórida. Quem nunca o soubera! (*À parte*).

Caranguejo. São boa casta de irmãos estes! Por eles se pode dizer: *quando fratres sunt boni, sunt bonifrates**.

Nereu. Em que vos detendes, que o não levais?

Proteu. Na forma de El-Rei me transformarei. (*À parte*).

Transforma-se Proteu na figura de El-Rei.

Nereu. Levai-o! Não me obedeceis?

Soldado. A quem, Senhor?

Nereu. A Proteu.

Soldado. Proteu não está aqui.

Nereu. E esse quem é? Mas que vejo! Senhor, Vossa Majestade como aqui**, e Proteu? Estou confuso! Que ilusão é esta?

(*) *Quando fratres sunt boni, sunt bonifrates* – Há aqui o trocadilho *boni fratres* (bons irmãos) – *bonifrates* (bonecos, os que intervinham nas “óperas” de A. J. da Silva).

(**) *Como aqui* – como *está* aqui.

O OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

B

R
A *Proteu.* Se Proteu não aparece, busquem-
S no, que importa não ficar sem castigo. (*Vai-
se*).

C *Caranguejo.* Ficaram pasmados. O certo é
O que eu e meu amo somos dous.

M *Nereu.* Dórida, não viste a Proteu ficar
P entre os guardas, quando se ausentou El-Rei?

L *Dórida.* Não há dúvida.

L *Nereu.* Pois como Proteu, sem que o
E víssemos, desapareceu? E El-Rei estava entre
T os guardas?

A *Caranguejo.* É que foi preciso fazer dous
S pontos na oração.

D *Dórida.* É caso maravilhoso!

E *Nereu.* Que fugisse Proteu, sem que dele
E pudessem os meus zelos vingar-se! Olá!
A Toda essa comitiva, que armada veio com
A Proteu na sublevação, seja conduzida ao mais
escuro cárcere.

J *Caranguejo.* Boas noites tenham vossas
O mercês.

S *Nereu.* E haja particular vigilância nesse
E criado.

D *Caranguejo.* Sempre obrigado. Cá para nós
A não é necessário cerimônias. É bem feito! (*À
parte*).

D *Dórida.* Nereu, esse criado é louco.

S *Caranguejo.* É verdade; nem tal me
I lembrava.

L *Nereu.* E como sabes que é louco?

V *Dórida.* Pelo ter visto várias vezes.

A *Caranguejo.* Essa ainda é melhor! Quê?
Prender-me para casar? Pois desenganem-se
que, ainda que me matem, não hei-de casar!

D *Dórida.* Com aquela teima anda sempre.

r *Nereu.* Esse, por louco, pois o abona
O Dórida, fique; e levem os mais.

e

u *Levam os guardas os que vieram com
Proteu.*

S *Caranguejo.* De boa escapei! Vi a morte
dante dos olhos. O certo é que a vida dos
nécios e loucos

P

r

o

t

O

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

é maior que a dos entendidos. (*À parte, e vai-se*).

Dórida. Nereu, não te aflijas com tanto excesso, buscando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

Nereu. Ai, Dórida, que o meu sentimento, por inexplicável, é mais sensível!

Dórida. Aprende de meu sofrimento, pois, sentindo o mesmo mal que tu padeces, procuro suavizá-lo com o retiro. (*Vai-se*).

Nereu. Dórida com prudência me deu a entender os seus zelos. Ai, infeliz, que já com duplicado indício pode desafogar publicamente a minha dor nos zelos de Cirene! Ah, princesa indigna de tão soberano epíteto! Oh, Proteu aleivoso, digno de eterna infâmia nos anais da memória! Uma contra as soberanias do caráter, outro contra as leis da lealdade e da natureza se armaram instrumentos de minha mágoa no tormento de meu ciúme.

Canta Nereu a seguinte

ÁRIA

Selvática fera
da brenha mais tosca
se encrespa, se enrosca,
se a cara consorte
nos braços encontra
de amante rival.

Se o rústico instinto
de um bruto padece,
desculpa merece
uma alma abrasada
dos zelos no mal. (*Vai-se*).

CENA III

*Templo de Astreia, com simulacro da Justiça.
Sai Maresia.*

Maresia. Com estas embrulhadas de palácio anda tudo tão mexido e remexido, que estou vendo como se há-de sair desta mexuda.* O que mais sinto é dilatar-se o nosso embarque por causa das traições do Senhor Políbio, que sem alma nem consciência quis tirar sangue donde o não havia. Pois hei-de regalar-me de o ver pernear.

Sai Caranguejo.

Caranguejo. Aqui se pagam elas. Vês como o teu pecado te trouxe por teu pé ao miserando suplício no templo de Vênus?

Maresia. Que dizes? Este é de Vênus o templo?

Caranguejo. Assim dizem os contemplativos.

Maresia. Pois a estátua de Vênus é daquela sorte?

Caranguejo. Sim, Senhora; mas não me admira que não conheça a Vênus quem não quer casar.

Maresia. Vênus, com os olhos tapados, mais me parece Cupido que Vênus.

Caranguejo. É que a formosura tem o amor nos olhos.

Maresia. Mas, se é mulher, porque traz espada?

Caranguejo. Por amor dos virotes que dá na gente.

Maresia. E as balanças que significam?

(*) *Mexuda* (= mexida) – trapalhada.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Caranguejo. É para pesar as finezas; mas adverte que aquelas balanças não têm fiel, porque todas as Vênus são falsas.

Maresia. Ora muito me contas!

Caranguejo. E tu nada me dizes do casamento?

Maresia. Verdade é que já fazia tenção de casar.

Caranguejo. Filha, as tenções livram as almas, mas não os corpos.

Maresia. Eu sim, casara contigo; porém não sei que te diga.

Caranguejo. Não sei como a Maresia te não faz vomitar tudo quanto tens no bucho.

Maresia. Não sei como és; não sei que te falta, para seres de meu gosto.

Caranguejo. Nada me falta, porque o teu rigor me tem acabado.

Maresia. Acabado sim, mas não perfeito.

Caranguejo. E *plusquam** perfeito! Ora dize, leve o Diabo paixões: aonde havias tu achar quem mais te quisesse? Por ti, sendo muito limpo, me fiz um porco; por ti, me fiz cadeira de braços, para ter pé de te possuir; e finalmente, por ti, me amortalhei em um craveiro de cravos de defuntos, para renascer como bicho de seda no capulho** de teu agrado; e, se tudo isto te não move, vê de que sorte me queres, que para tudo sou de cera.

Canta Caranguejo a seguinte

ÁRIA

Tomara fazer-me
em mil pedacinhos,

(*) *Plusquam* – mais que...

(**) *Capulho* – cápsula.

por ver se os carinhos
te posso colher.
Se queres me ver
gigante, aqui estou. (*Faz-se gigante*).
Vê lá como sou
assim tamanho!
Se qués* que me abaixe,
serei um anão. (*Faz-se anão*).
Mas não, anão não,
que anão é agoiro;
serei tamanho. (*Faz-se gigante*).
Se assim não te agrado,
serei desgraçado,
mas não feanchão.

Maresia. Basta com tanto desengonçamento!
Mas ai, espera! Deixa-me esconder naquele
cantinho, que lá vem um homem correndo a
quatro pés, muito afrossurado,** com uma
faca na mão. (*Esconde-se*).

Caranguejo. Espera! Aonde te vás esconder?

Sai Proteu com um punhal na mão.

Proteu. Junto à ara do sacrifício de Astreia
me ocultarei, e com este punhal matarei o
bárbaro executor da justiça, quando intente
tirar a vida a Políbio.

Caranguejo. Ah, caso igual! Senhor, vens-te
meter na boca do lobo? Já que te transformaste
em Ponto tão pontualmente para escapar das
garras de Nereu, como lhe queres agora cair
nas unhas? Para quê, Senhor?

(*) *Se qués* – se queres.

(*) *Afrossurado* (= afressurado) – apressado.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Proteu. Ou para matar, ou para morrer, que, se hei-de perder a Cirene, que importa que perca a vida?

Caranguejo. Ainda assim, aquilo de viver é bom para a saúde.

Proteu. E tu, como pudeste escapar acompanhando-me também?

Caranguejo. Pelo privilégio de louco, que é mui grande; que, se eu tivera entendimento, donde estaria a estas horas?

Proteu. E Cirene (ai de mim!) que diz?

Caranguejo. Ela ali vem, e Dórida.

Proteu. Ocultar-me quero, como disse. Amor, se és deidade, favorece os meus intentos.

Esconde-se Proteu junto à estátua da Justiça; e saem Cirene, acelerada, e Dórida, detendo-a.

Dórida. Cirene, que excesso é este? Não atendes ao teu decoro? Aonde caminhas precipitada?

Cirene. Dórida, não estou em mim; que queres que faça uma desesperada, uma aflita, e uma infeliz?

Dórida. Retiremo-nos, antes que se horrorize a vista com o funesto espetáculo de Políbio, que já caminha para este templo de Astreia.

Cirene. A isso mesmo é que venho, não por ver a sua tragédia, mas por impedir a sua morte.

Dórida. Para que te empenhas em um impossível, quando Nereu, impelido não sei de que oculto sentimento, intenta vingar-se na sua vida? Porém, já ocupados os pórticos de uma imensa turba, mal nos poderemos retirar.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Tocam tambores.

Caranguejo. Grande trovoadá se vai armando!

Cirene. Ai, que a vida se me vai acabando!
Nem Proteu aparece, para maior pena minha!
Que farei só, e aflita em tanta multidão de pesares?

*Saem El-Rei Ponto, Nereu e depois Políbio
com guardas; e sai Maresia donde estava
escondida.*

Rei. Com efeito não tem aparecido Proteu?

Nereu. Parece que a terra o tragou, por castigo de seu delito.

Rei. Ai, Proteu! Quem pudera... Mas não, não merece piedade um filho ingrato.

Nereu. Agora verá Proteu se pode libertar a Políbio, que nas aras de Astreia hoje há-de ser vítima de seu rigor.

Canta Políbio a ária e o seguinte

RECITADO

Astreia soberana,
sagrada filha do brilhante Olimpo,
como assim consentes que uma inocência
profane teus altares
no impuro sacrifício,
que incender hoje intenta uma impiedade?
Mas já sei, infeliz, que, como és cega,
não verás da sentença a iniquidade.
Ouve ao menos os míseros clamores
desta inculpável vida,
pois não pode a Justiça
ver no templo de Astreia uma injustiça.

ÁRIA

Se o recto instrumento,
que vibras ingente
de uma alma inocente
castigo não é,
ao duro suplício
impávido vou.

Não fujo, não temo
da morte os horrores,
que a rígida espada
em vida inculpada
jamais penetrou.

*Querendo Políbio caminhar para a estátua
de Astreia, o impede Cirene.*

Cirene. Aonde vás, Políbio? Espera.

Políbio. Quem me defende?

Cirene. Cirene te ampara.

Rei. Tu não podes impedir a execução da
justiça.

Nereu. Execute-se a sentença.

Caranguejo. Embargos temos. (*À parte*).

Cirene. Não pode executar-se a sentença;
porque, sendo falsa a culpa, não pode ser a pena
verdadeira.

Nereu. Se ele a não contradiz, que mais
evidência pode haver? Morra Políbio!

Cirene. Políbio está inocente; afirmo que me
não podia ofender.

Rei. Porquê?

Cirene. Rompa-se o silêncio por uma vez. (*À
parte*). Porque é meu pai.

Nereu, Rei. Teu pai, Políbio?! Que dizes?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Políbio. Caiu a máquina de minha ideia. (*À parte*).

Cirene. Senhor, meu pai é Políbio; não o duvides.

Políbio. Não sou pai de Cirene. Não dilates, Senhora, com esse engano, o teu himeneu; deixa que eu morra, que pouco preço é uma vida para comprar um reino.

Rei. Que mais podia excogitar a tua indústria para libertar a Políbio?

Nereu. A sentença se execute sem dilação.

Cirene. Soberano Monarca, não são indústrias da ideia; são realidades da natureza; Políbio é meu pai.

Rei. Como pode isso ser, se tu és filha de El-Rei de Beócia?

Cirene. Atende-me e saberás. Não ignoras as revoluções e guerras que houve em Egito, aonde Políbio foi cabeça de uma parcialidade; e, como esta ficasse superada, se retirou a Beócia comigo e aí me deixou oculta em a rústica montanha de uma aldeia, para que o furor inimigo não triunfasse de minha inocência. Passou Políbio a Flegra a servir-te, como sabes, a quem deste o carácter de embaixador para Beócia a conduzir a sua princesa para esposa de Nereu. Chegando Políbio a Beócia, achou ser falecida aquela princesa, também chamada Cirene; e, dissimulando o motivo, me trouxe a mim para Nereu, querendo com esta indústria ver-me coroada princesa.

Proteu. Se será ilusão o que ouço! (*À parte*).

Cirene. E já que este impensado acaso descobriu este engano, a teus pés, Senhor, eu e Políbio pedimos perdão desta temeridade, para que um delito verdadeiro seja indulto de outro que o não é.

Rei. Há caso mais extraordinário!

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Nereu. Nem alentos tenho para respirar!

Dorida. Prodigioso sucesso!

Maresia. Quando eu vi que tinha o sangue vermelho* como o meu, logo duvidei que fosse de sangue real. (*À parte*).

Caranguejo. E o que mamou de Altezas à chucha calada! (*À parte*).

Políbio. Desta sorte, Senhor, conhecido quem sou, bem se vê que não podia intentar a morte de Cirene.

Rei. Pois como tinhas o punhal na mão?

Políbio. Porque, querendo matar-me Proteu, Cirene, comovida do amor de filha, se meteu de premeio e casualmente a feriu Proteu; ficando o seu punhal, por outro semelhante incidente, na minha mão.

Rei. Quanto desse crime, estás perdoado; mas não ficará sem castigo esse que maquinaste para coroar a Cirene. Dize, atrevido e infame Políbio: como fabricaste tão pernicioso engano em ludíbrio de minha coroa, perdendo por tua causa Proteu a Pátria, e eu a sua companhia?

Nereu. Deixa, Senhor, que eu vingue essa ofensa, pois eu era o alvo do seu engano; e assim, fementido, bárbaro, traidor, em meus braços...

Ao acometer Nereu a Políbio, sai Proteu.

Políbio. Não há quem me socorra?

Proteu. Proteu te defenderá; suspende o furor, Nereu.

Cirene. Oh extremoso amante! (*À parte*).

Rei. Proteu, és tu, ou é engano da fantasia o que vejo?

(*) *Sangue vermelho* – Vide nota de pág. 61.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Nereu. Ainda intentas amparar a um traidor?

Cirene. Nereu, se acaso aquele aparente nome de esposa pode conciliar no teu peito algum affecto, rogo-te que releves os excessos de uma indiscreta ambição.

Nereu. Ainda te atreves, fementida, tirana, a lembrar-me o nome de esposa? Por isso intentavas com cautelas que te adorasse como bela e não como princesa? Pois agora, que não variei de sistema, não sendo tu quem eu imaginava, desprezo a tua formosura, por não ser adornada de Majestade.

Caranguejo. *Esso mismo quiere la mona.*

Proteu. Pois na minha estimação tanto val a formosura de Cirene, como a mais egrégia princesa; e assim, Rei, Pai e Senhor, a teus pés prostrado te peço me dês a Cirene por esposa, que, suposto não seja filha de El-Rei de Beócia, o nobre sangue de Políbio e a sua beleza podem compensar um incidente da fortuna.

Rei. Que dizes, Proteu? Enlouqueceste acaso?

Proteu. Se me negas esta ventura, com este punhal me tirarei a vida, pois sem Cirene tudo é morrer.

Rei. E a Dórida como se há-de satisfazer?

Dórida. À vista daquele extremo de amor, que posso esperar? Logre Cirene esta fortuna.

Rei. Como Dórida consente no desejo de Proteu, e Nereu demite a Cirene, não posso dificultar a tua súplica. Cirene é tua, Proteu.

Proteu. Amada Cirene, na tua beleza consigo o maior império.

Cirene. E eu no teu amor a maior fortuna.

Políbio. Sempre se logrou o meu intento. Ditosa idéia!

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Rei. Dórida, se acaso quiseses que Nereu seja teu feliz esposo, com essa dita se alcançará um completo prazer.

Dórida. Não posso resistir ao teu preceito.

Nereu. Nem eu deixar de agradecer essa benevolência, quando acho em ti a qualidade que só adoro unida à tua beleza.

Caranguejo. Maresia, queres tu agora sacrificar-te a casar comigo por descarga de tua consciência?

Maresia. Mais val um ruim concerto, que uma boa demanda; anda; casemos, que ao menos em um marido tenho um escravo.

Caranguejo. Pois então leve o Diabo paixões. Todos ficam acomodados e satisfeitos com as suas consortes, e Proteu mais que nenhum, pois com as suas variedades e mudanças mostrou a maior firmeza nos amores de Cirene.

Proteu. E, já que os fados prosperaram os meus intentos, repita outra vez o alternado acento em festivos júbilos.

CORO

1.º *Coro.* Em hora ditosa
venha Cirene;

2.º *Coro.* Em hora festiva
Dórida venha.

1.º *Coro.* A ser de Nereu,

2.º *Coro.* A ser de Proteu,

Ambos. esposa feliz.

1.º *Coro.* Os prados com flores,

2.º *Coro.* Com perlas os mares,

Ambos. Os ceptros esmaltem
de eterno matiz.

FIM